



UC/FPCE_2014

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**A Influência do Conflito Interparental nas Relações
Amorosas de Jovens Adultos**

Ana Pedro Graça Fidalgo (e-mail: anapgfidalgo@gmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicopatologia e Psicoterapias Dinâmicas
sob a orientação do Professor Doutor Eduardo Sá

A Influência do Conflito Interparental nas Relações Amorosas de Jovens Adultos

Resumo

Os efeitos de um ambiente familiar desequilibrado exibem-se amplamente em diversos domínios da vida dos seus elementos. O conflito interparental é um comportamento definido por uma expressão de desentendimento ou agressão entre o casal, marcado por comportamentos de raiva, hostilidade, desconfiança, linguagem agressiva, agressão física e dificuldades de cooperação nos cuidados e comunicação com os filhos. A sua existência representa, globalmente, uma quebra na homeostasia familiar, e a nível particular afeta o ajustamento psicológico dos filhos do casal, estendendo-se esta influência a comportamentos emocionais e sociais, como no caso das relações amorosas. No presente estudo, pretendeu-se avaliar em que medida a perceção de um conflito interparental contribuía para uma menor satisfação nos relacionamentos amorosos, para uma motivação pouco autónoma para permanecer na relação, para um menor compromisso e tempo de duração e expectativas de duração do relacionamento menores. Após uma análise descritiva, correlacional, associativa e comparativa, os resultados do estudo revelam que um nível mais elevado de conflito se associa a uma menor satisfação, uma motivação menos autónoma, menor compromisso, tempo de duração e expectativas no que respeita ao relacionamento amoroso dos indivíduos, sobretudo quanto estes se sentem mais culpados, envolvidos nos conteúdos das discussões dos pais, e quando lhes é sugerido que escolham apoiar um dos pais no conflito (triangulação).

Palavras Chave: Conflito interparental, relações amorosas, jovens adultos, satisfação relacional, motivação para a relação, compromisso, relações de objeto.

Abstract

The effects of an unbalanced family environment are exhibited widely in various fields of the life of its elements. The interparental conflict is a behavior defined by an expression of disagreement or aggression between the couple, marked by behaviors of anger, hostility, suspicion, aggressive language, physical aggression and difficulties of cooperation in care and communication with their

offspring. Its existence globally represents a fracture in family homeostasis, particularly affecting the psychological adjustment of the children, extending this influence to emotional and social behaviors, as in the case of relationships. The present study aimed to assess the extent to which the perception of the interparental conflict contributed to less satisfaction, for a less autonomous motivation, to a minor commitment, duration and time expectation of the romantic relationship. After a descriptive, correlational, associative and comparative analysis, the study results reveal that a higher level of conflict is associated with less satisfaction, less autonomous motivation, lower commitment, duration and expectations regarding the individuals romantic relationship, especially as they feel more guilty, involved in the content of the discussions of the parents, and when they are suggested to choose to support a parent in the conflict (triangulation).

Keywords: Interparental conflict, romantic relationships, young adults, relationship satisfaction, relationship motivation, commitment, object relationships.

Agradecimentos

À minha Mãe, ao meu Pai e ao Rafael, que não só patrocinaram o caminho que me trouxe até aqui, como em primeiro lugar me impulsionaram, sob qualquer circunstância, a ser feliz.

Aos meus Avós e ao lar que se esforçam por manter incessantemente quente, e onde sempre posso encontrar o sítio onde pertenço. Pela atenção e apoio incansável, muito, muito obrigada.

Ao Professor Doutor Eduardo Sá, por me ter acordado para uma ideologia com a qual saio hoje para o mundo; pelos momentos de aprendizagem e de amparo, pelo estancar das feridas narcísicas do percurso dos seus orientandos...obrigada!

Aos meus melhores amigos espalhados pelo mapa; aos meus amigos de Castelo Branco, que sempre me procuraram mostrar que eu estava no sítio certo à hora certa, estando estes lá 5 minutos antes para mim.

Aos meus InterDitos preferidos, que tornaram esta fase da minha jornada num espetáculo de magia, representando outra casa, mostrando-me que poderia continuar a tricotar os sonhos que tinha guardados no bolso.

À “turminha”, e aos que estiveram perto dela; esse ninho onde me foi permitido avançar, parar e rebobinar sempre que quis crescer. À Mafalda; que é para mim como uma irmã de laços; à Ágata, a minha cónjuge de trabalho e companheira de viagem; à Clara e ao seu riso infalível; à Carina e à Joana, cujas boleias não têm preço pagável, tanto as de carro como as de apoio e de amizade. Ao Luís, pelo qual sempre me senti apadrinhada e cúmplice.

Ao Rui, pelos (a)braços gigantes, pelas palavras acertadas, por tudo aquilo que não traduzirei no inteligível.

Ao Renato Maia e a todos os que foram incansáveis em auxiliar-me quando foi necessário.

A todas as pessoas cujo coração ocupa 70% do corpo, e cujo olhar curioso permite que aconteçam as maiores atrocidades - em especial aquelas que as tornam mais evoluídas, e mais felizes, deixando escapar nos nossos sorrisos um resquício de esperança de que possamos viver num mundo melhor.

Índice

I. Enquadramento conceptual	2
1.1. Uma introdução sobre a importância das relações amorosas na adultícia emergente	2
1.2. O Impacto do Conflito Interparental no Desenvolvimento dos Filhos	3
1.3. A Influência do Conflito Interparental nas Relações Amorosas dos Filhos	8
II. Objetivos do Estudo Empírico	14
2.1. Hipóteses	15
III. Metodologia	16
3.1. Participantes	16
3.2. Instrumentos	17
The Children's Perception of Interparental Conflict Scale	17
Relationship Rating Form	20
Couples Motivation Questionnaire	20
3.3. Recolha de Dados	24
3.4. Procedimentos Estatísticos	24
IV. Resultados	25
4.1. Relação entre Perceção de Conflito Interparental, Motivação Para a Relação e Satisfação na Relação	25
4.2. Perceção de Conflito Interparental em Relações de Compromisso e Relações "Abertas"	27
4.3. Perceção do Conflito e Duração da Relação	27
4.4. Diferenças de Género na Perceção de Conflito, Motivação para a Relação e Satisfação com a Relação	28
4.5. Diferenças de Género no Compromisso, Duração e Expectativas de Duração da Relação	29
4.6. Relação entre Perceção de Conflito e Expectativas de Duração da Relação	30
V. Discussão	31
VI. Conclusões	36
Bibliografia	39
Anexos	1
Anexo I – Protocolo de Investigação	1

1 – Consentimento Informado	3
2 – Questionário Sociodemográfico	4
3 – Couples Motivation Questionnaire	6
4 – Relationship Rating Form.....	9
5 – Children’s Perception of Interparental Conflict Scale.....	12

“Mas, afinal para que serve uma família? Para suscitar a comunhão e nos revelar experiências comoventes. Para promover a autenticidade e a transparência. Para desenvolver a esperança e o sonho. Para amparar a dor. Para estimular as transformações. Para ligar amor e pensamento. Para educar para a verdade, para a humanidade, para a perseverança e para o arrojo. Para saber mais de nós do que nós próprios. E para ensinar que somos dignos de um passado sempre que o recriamos no futuro. Sendo assim, embora (formalmente) todos tenhamos uma família, poucos (muito poucos se reconhecem) na sua.”

Sá, 2009

Introdução

Ao pensar-se na estabilidade, no sucesso e no bem-estar pessoal, supõe-se a sua indissociabilidade do universo das interações humanas. “O indivíduo não pode deixar de ser membro de um grupo, mesmo se a sua filiação a ele consiste em comportar-se de maneira a conceder realidade à ideia de que não pertence a grupo algum” (Bion, 1961). É neste universo que as relações amorosas tomam um papel neurálgico: através delas é formada uma larga parte das percepções que o indivíduo tem do seu mundo (Rodrigues, 2013). A vida em casal, tem um papel ativo na organização do aparelho psíquico dos indivíduos, permitindo uma melhor compreensão do que acontece à sua volta. Em vista disso, interessa sempre perceber o que organiza a forma como as pessoas vivem as suas relações amorosas.

Uma relação amorosa toma novas características, adquire novos significados e serve novas funções dependendo da etapa da vida em que o indivíduo se encontra (Collins, Welsh & Furman, 2009).

Com efeito, a família, como sistema relacional, representa um contexto social vital para a adaptação do indivíduo, exercendo uma ampla influência no seu desenvolvimento biopsicossocial (Orellana, Vallejo, & Vallejo, 2004) desde os primeiros dias de vida até à adultícia. Destarte, as experiências formativas e os processos desenvolvimentais que ocorrem durante a adultícia emergente¹ tem demonstrado ser cruciais - à medida que as experiências se vão acumulando, emergem e/ou mudam-se estilos padronizados de interagir com os parceiros amorosos (Laursen & Jensen-Campbell, 1999, cit. por Brennan, Furman & Laursen, 2011) - e os processos desenvolvimentais que as acompanham são complexos e múltiplos em natureza.

Beato (2008, cit. por Melo, 2012), refere que as relações de pares, com os pais e com os parceiros amorosos que os indivíduos estabelecem ao longo do desenvolvimento satisfazem diferentes funções e necessidades, embora se complementem entre si. Nas últimas décadas é crescente a atenção dada às características específicas da família de origem que podem prever a qualidade das relações amorosas adultas. A qualidade da relação conjugal tem demonstrado influenciar positiva ou negativamente o equilíbrio, o bem-estar e o comportamento dos filhos (Garcia, Marín, & Currea, 2006). No caso de uma mudança estrutural como uma separação conjugal (*e.g.*, divórcio), esta apenas irá influenciar o ajustamento de um indivíduo dependendo dos fatores de risco e protetores associados a esta mudança transitória - a maioria dos estudos existentes permite tirar a conclusão de que o divórcio *per se* não prediz uma maior ou menor qualidade num relacionamento amoroso (Summers, Forehand, Armistead, &

¹ Arnett (2000, 2004, cit. por Cui & Fincham, 2011), refere-se ao período dos 18 aos 25 anos como “adultícia emergente”. Define-o como um período de explorações de identidade continuadas, de ambos “excitação e incerteza, possibilidade aberta e confusão, novas liberdades e novos medos”. Este período foi proposto como uma etapa do desenvolvimento única e importante, e que é distinta da adolescência e da adultícia jovem. É uma etapa de instabilidade, em que os indivíduos se deslocam entre as escolhas amorosas e profissionais, e se movem de uma residência para outra. É uma idade auto-centrada: os indivíduos fazem as suas próprias escolhas no amor, na educação e no trabalho. Contudo, ainda é duvidoso que este termo represente uma etapa do desenvolvimento estrutural, como as propostas por Piaget e Kohlberg. Apesar do debate sobre a conceptualização do termo, este está a ser abertamente aceite pelos estudiosos (Cui & Fincham, 2011).

Tannenbaum,1998; Heffernan, 2013). De forma inversa, o nível de conflito interparental, parece ter um grande impacto nesta área (Amato, Loomis & Booth, 1995; Cui, Fincham &, Durtschi 2011; Henry & Holmes, 1998), começando pelos efeitos no ajustamento emocional dos filhos, abrangendo mais tarde vários aspetos do desenvolvimento.

Diversos autores investigaram o impacto do conflito interparental ao nível da qualidade e manutenção de relações românticas por parte dos filhos na entrada da idade adulta (Cui & Fincham, 2010; Cusimano & Riggs, 2013; Segrin, Taylor & Altman, 2005).

Consistentemente com estes estudos, neste trabalho pretendeu-se uma compreensão da influência que o nível de conflito interparental percebido por jovens adultos, com idades entre os 18 e os 25 anos poderia ter quer na satisfação e na motivação para as suas relações amorosas, quer na duração, compromisso e expectativas de duração na relação.

Antes de passar ao estudo empírico, importa mencionar alguns quadros teóricos de referência que solidificam a descrição e delimitação dos conceitos em estudo, bem como as investigações mais recentes a esse respeito.

I. Enquadramento conceptual

1.1. Uma introdução sobre a importância das relações amorosas na adultícia emergente

Arnett (2004, cit. por Cui & Fincham, 2011) refere-se à adultícia emergente como uma fase de exploração de opções para os indivíduos, no romance e no amor. Esta é uma etapa que permite aos jovens adultos descobrir com que tipo de pessoa gostariam de se casar, ganhando experiência relacional antes de se envolverem permanentemente com alguém. É sugerido que, nesta altura, os indivíduos possam ter várias relações amorosas, tendencialmente auto-focadas e instáveis, sendo largamente exploratórias e tendo pouca influência direta no comportamento marital posterior (Cui & Fincham, 2011).

Devido ao facto de neste período se explorarem as opções de romance, são fomentadas experiências de relacionamento, tornando-se possível uma evolução de perspetiva pessoal, como se verifica em algumas aprendizagens, como por exemplo, aprender a terminar uma relação fisicamente ou psicologicamente abusiva (Lewandowski & Bizzoco, 2007, cit. por Cui & Fincham, 2011).

Estudos recentes demonstram que os indivíduos nesta etapa não terminam as suas relações amorosas com o propósito de explorar outras opções românticas. Em vez disso, a dissolução da relação é usualmente precedida de baixos níveis de compromisso, baixa eficácia na relação, altos níveis de conflito, comunicação pobre, traição, agressão e baixa satisfação e qualidade na relação (Rodrigues, Hall & Fincham, 2006; Simpson, 1987, cit. por Cui & Fincham, 2011).

O desenvolvimento das relações amorosas têm importantes

consequências no bem-estar e no ajustamento comportamental e em especial, as atitudes e comportamentos nas relações pré maritais podem predizer a continuidade dos mesmos em relacionamentos posteriores, representando fatores de risco para problemas maritais e para o divórcio (Karney & Bradbury, 1995; Axinn & Thornton, 1993, cit. por Cui & Fincham, 2011).

A continuidade substancial em relações de proximidade continua a ser referida na literatura (e.g., relações de pais e filhos, amizades e relações amorosas) (Collins e van Dulmen, 2006, cit. por Cui & Fincham, 2011). Este ponto de vista, segundo o qual um período de desenvolvimento da vida se constrói sobre outro que o antecede, é consistente com a perspectiva de curso de vida (Elder, 1985, cit. por Cui & Fincham, 2011), que defende que as trajetórias de vida das pessoas são determinadas por uma série de etapas interligadas cujas transições de um estado para outro são sempre embutidas em, e têm impacto nas mesmas.

Os adultos emergentes encontram nesta fase da vida várias possibilidades e opções, cujas escolhas podem ter importantes consequências para as trajetórias de vida que ainda não aconteceram; são, então, de extrema importância as experiências associadas aos relacionamentos que constituem os primeiros cenários das relações de proximidade destes jovens, na rede das amizades, e, em muitos casos, mais precocemente, no seio familiar, com os próprios pais.

1.2. O Impacto do Conflito Interparental no Desenvolvimento dos Filhos

Dias (cit. por Oliveira & Paixão, 1988), descreve a psicopatologia como uma função da relação do sujeito com as outras pessoas. Assim, à semelhança de Dias, aludindo à perspectiva das relações objetais, pode entender-se o conflito como função da relação do sujeito com os seus objetos, evoluindo do pulsional para o representacional, e sobretudo do sujeito para a relação entre o sujeito e os seus objectos (quer internos quer externos).

O conflito interparental tem demonstrado ser um fator de risco com grande impacto no ajustamento das crianças, podendo em muito casos estar na origem de distúrbios psicopatológicos (Bragado, Bersabé e Carrasco, 1999). Definido em 1994 como como uma expressão aberta de zanga, desentendimento ou agressão entre o casal (Moos & Moos, 1994, cit. por Koblinsky, Kovalanka & Randolph, 2006), este tipo de conflito é marcado por comportamentos de raiva, hostilidade, desconfiança, linguagem agressiva, agressão física e dificuldades de cooperação nos cuidados e comunicação com os filhos. O conflito pode ser classificado como manifesto (*overt*) ou dissimulado/disfarçado (*covert*), referindo-se o primeiro a comportamentos e expressão de afetos hostis evidentes na interação dos pais, e o segundo aos mesmos comportamentos e afetos hostis, porém numa forma mais passivo-agressiva (Bradford, Vaughn & Barber, 2008).

As práticas e rotinas contaminadas pelo elevado conflito entre os pais traduzem-se, na maioria das vezes, numa disciplina permissiva e inconsistente, volatilidade emocional, elevados índices de hostilidade e

impulsividade educativa e menor responsabilidade e disponibilidade emocional. Deste modo, entende-se o porquê de crianças com famílias unidas, em que existem elevados níveis de conflito, tenderem a mostrar problemas similares aos das crianças de pais divorciados, e porque os conflitos parentais pós-divórcio estão associados a baixos níveis de bem-estar nas crianças (Raposo, Figueiredo, Lamela, Nunes-Costa, Castro & Prego, 2010).

Considerando a organização do aparelho psíquico como permeável aos contornos que definem o aparelho grupal, as relações atuais do jovem adulto têm como modelo as relações precoces com a mãe, com a família e posteriormente com as personagens do mundo social (Anzieu, 1978, cit. por Oliveira & Paixão, 1998).

Compreendendo a transgeracionalidade de comportamentos que dos cenários familiares conflituosos pode advir, surge também a Teoria da aprendizagem social. Esta teoria sugere que o comportamento pode ser aprendido através da observação das ações dos outros (Bandura, 1977, cit. por Delevi, Cornille & Cui, 2012) - especificamente, se as crianças assistem a um “mau casamento” dos pais e a uma experiência de divórcio, estão mais propensas a desenvolver uma visão negativa sobre o casamento e a ver o divórcio como uma maneira fácil de acabar com um casamento problemático. Ainda, é provável que tal atitude em relação ao casamento e divórcio afete os seus próprios relacionamentos amorosos, diminuindo a vontade de manter um compromisso. Se um relacionamento amoroso é visto como algo que é dispensável, e melhor rescindido quando surgem dificuldades inevitáveis, há pouco incentivo para ter um compromisso forte na relação. Portanto, os jovens adultos tenderão a determinar deixar um relacionamento menos satisfatório em vez de trabalhar sobre a relação, baseando-se nas consequências do seu comportamento ou do dos seus pais (Kapinus, 2005).

Noutro ponto de vista, através da Teoria da Vinculação, os autores tentam demonstrar que a disrupção nas relações parentais está prospectivamente ligada a padrões de vinculação inseguros na adultícia. A vinculação é considerada um dos marcos mais significativos do desenvolvimento socioemocional nas crianças, determinando aspetos fundamentais como a segurança e a dependência. Uma vinculação segura com o principal cuidador prediz um maior afeto positivo, interações de pares competentes e uma melhor literacia emergente, sendo esta vinculação a base para as relações interpessoais mais tarde. Por outro lado, a angústia de vinculação está associada com sentimentos de perda devido à diminuição do contacto com as figuras de vinculação, o afastamento da criança, ou mesmo a depressão e comportamento regressivo e desorganizado. Uma vinculação prejudicada prediz problemas com a separação e dificuldades nas relações mais tarde no desenvolvimento (Altenhofen, Sutherland, & Biringen, 2010).

Posto isto, um dos mais importantes passos na compreensão dos efeitos do conflito interparental nos filhos foi dado por Grych e Fincham (1990). No sentido de compreender a associação entre o conflito marital e o ajustamento das crianças, desenvolveram a teoria Cognitiva-Contextual. Esta

teoria tem como base a ideia de que quatro componentes do conflito interparental percebido (intensidade, conteúdo do conflito, duração e resolução) influenciam a forma como as crianças entendem e lidam com esse conflito. Propôs-se, então que: 1) a intensidade do conflito se relaciona com o grau de afeto negativo ou hostilidade expressada e a ocorrência de agressão física; 2) o conteúdo específico do conflito se relaciona com a percepção de estar envolvido, sentir-se culpado ou triangulado² no conflito interparental e 3) a duração do conflito relaciona-se com a percepção de que os pais não conseguem lidar com o conflito construtivamente. Quando estes conflitos são resolvidos com sucesso, construtivamente, os pais proporcionam aos filhos modelos efetivos de capacidades de resolução de problemas que lhes permitem adaptar-se nos relacionamentos com os outros, permitindo generalizar esses estilos de resolução de conflitos para as relações de pares subsequentes.

Porém, a forma como as crianças, adolescentes e adultos emergentes percebem as suas relações interpessoais e a existência de interações conflituosas na família depende da sua etapa do desenvolvimento e da sua maturidade cognitiva (Jouriles, Spiller, Stephens, McDonald, & Grych, 2006; Bickham & Fiese, 1997, cit. por Jorge, 2013). Um estudo de Grych e Fincham (1990) demonstrou que crianças mais novas tendem mais a culpar-se a si mesmas pela disrupção marital do que crianças mais velhas; em contraste, a ameaça percebida do conflito parece ser mais relevante do que as propriedades do conflito em termos de ajustamento de adolescentes mais velhos. A literatura sugere que as crianças mais velhas têm respostas mais focadas nos problemas pois têm melhor capacidade de percepção das ameaças associadas ao conflito (Moura, Santos, Rocha, e Matos, 2010; Grych & Fincham, 1990; Grych, Harold & Miles, 2003; Masarik, Conger, Martin, Donnellan, Masyn & Lorenz, 2013).

Como foi referido anteriormente, o conflito interparental tem um efeito tóxico nos comportamentos parentais. Existe uma forte associação entre os comportamentos parentais e as qualidades das relações amorosas, sobretudo em adolescentes: a qualidade da relação pais-filhos em termos de carinho está relacionada com a qualidade de relações adultas de comprometimento e com a satisfação. Quando os pais são calorosos e compreensivos, definem regras firmes e supervisionam apropriadamente os adolescentes (*authoritative parenting style*), estes envolvem-se menos em comportamentos de risco (Auslander, Short & Succop, 2009). Isto é, as particularidades do conflito interparental tendem a empobrecer a qualidade do funcionamento familiar – o insucesso na resolução do conflito condiciona a oportunidade dos filhos aprenderem a resolver problemas eficazmente, podendo mesmo comprometer o desenvolvimento de estratégias de

² O termo triangulado (traduzido de *triangulated*), neste contexto, surge associado ao conceito de triangulação - sistema inter-relacional entre três pessoas, que envolve uma díade e um terceiro, que será convocado a participar quando o nível de desconforto e de ansiedade aumenta entre as duas pessoas. Um dos elementos da díade procurará a terceira pessoa para aliviar a tensão. Os triângulos surgem no processo emocional associado às interações que se estabelece no sistema familiar e transgeracional (Martins, Rabinovich, & Silva, 2008).

resolução. A isto muitas vezes acresce uma redução da percepção da capacidade de comunicação e suporte parental, suscitando o estabelecimento de alianças disfuncionais entre os adolescentes e os pais que limitam a experiência dos jovens vivenciarem a família como um sistema coeso onde sentem suporte (Unger, Brown, Tressell, & McLeod, 2000).

É de destacar que a investigação ilustra que a percepção da criança acerca do grau de conflito interparental funciona como um mediador na presença/ ausência de sintomas psicopatológicos: quanto maior a percepção da destrutibilidade dos conflitos entre os pais, maior o risco para problemas de ajustamento na criança (Moura & Matos, 2008). As crianças com maior resiliência revelam sofrer um menor impacto com os conflitos interparentais (O'Donnell, Moreau, Cardemil, & Pollastei, 2010).

O conflito interparental não só se relaciona com a regulação da emoção específica sobre o conflito, mas também com a regulação da emoção geral em crianças. Experimentar a resolução negativa de conflitos parentais pode comprometer a capacidade das crianças para lidar com as emoções negativas numa grande variedade de situações. Num estudo de Siffert e Schwarz (2011), foi revelada uma relação positiva entre a culpabilidade da criança e estilos de resolução de conflitos parentais negativos. Em adenda, o auto-relato de ansiedade das crianças foi substancialmente relacionado com os seus relatórios sobre queixas somáticas e sintomas depressivos. Vários estudos corroboram que a existência de conflitos entre os casais se encontram associados a comportamentos psicopatológicos de internalização (ansiedade e depressão) e externalização, bem como problemas de conduta agressiva (Garcia, Marín e Currea, 2006).

Unger, Brown, Tressell e McLeod (2000), num estudo realizado com adolescentes provenientes de famílias intactas e divorciadas, sugeriram que os conflitos interparentais têm estreita relação com o humor deprimido dos filhos em ambas situações familiares.

As crianças envolvidas em separações altamente conflituosas apresentam mais problemas de externalização, quando comparadas com crianças que experienciam separações parentais com baixos níveis de conflito. Segundo Emery (cit. por Raposo *et al.*, 2010), processos familiares como a parentalidade inadequada, conflito interparental e desestruturação da estrutura familiar, explicam muitos dos comportamentos de externalização encontrados entre as crianças dos pais divorciados (Raposo *et al.*, 2010). O facto de os filhos assistirem ao conflito dos pais interfere no processo de desenvolvimento psicossocial destes por potenciar um estado de desajuste emocional com elevados níveis de ansiedade, frustração, raiva, auto-culpabilidade, baixa autoestima e afeto deprimido (Benetti, 2006).

Especificando, conflitos interparentais mais explícitos, intensos e sobre conteúdos relacionados com os filhos são associados a um pior ajustamento destes comparativamente com os conflitos menos evidentes, menos intensos e não relacionados com os filhos (Davies & Cummings, 2006 cit. por Cui *et al.*, 2011; Grych & Fincham, 1990; Grych *et al.*, 2003; Grych *et al.*, 1992).

No que toca a diferenças entre género no impacto do conflito interparental os estudos não são consistentes. Num estudo de Herzog & Cooney (2002) verificou-se um maior efeito do conflito interparental nas filhas do que nos filhos. Contudo, na meta-análise de Rhoades (2008), não se

verifica a existência de diferenças significativas na extensão do impacto do conflito interparental nos rapazes e raparigas. Constata-se, no entanto que existem diferenças nos graus de conflito interparental – as raparigas descrevem níveis significativamente mais elevados do que os rapazes (Henry & Holmes, 1998; Herzog & Cooney, 2002).

Relativamente a estudos empíricos realizados com jovens adultos, a escassa quantidade de dados disponíveis têm revelado que quando estes são expostos a níveis elevados de conflito interparental apresentam uma maior probabilidade de ocorrência de distúrbios depressivos, abuso ou dependência de álcool e diminuição de autoestima (Turner & Kopiec, 2006). A crescer a isto, o conflito parece também comprometer capacidades psicológicas e relacionais na idade adulta, abrangendo mudanças ao nível da vigilância sobre ameaças (Luecken & Appelhans, 2005; Riggio, 2004; Riggio & Valenzuela, 2011 cit. por Jorge, 2013).

Também num estudo português, de Melo (2012), foi demonstrado que os conflitos interparentais particularmente caracterizados pela intensidade prediziam positivamente o desenvolvimento de sintomatologia psicopatológica (somatização, sensibilidade interpessoal, depressão, ansiedade, hostilidade, ideação paranóide, psicoticismo e ansiedade fóbica). Por outro lado, o bem-estar psicológico (felicidade) relacionou-se de forma negativa com o desenvolvimento de psicopatologias como a somatização, obsessões-compulsões, sensibilidade interpessoal, depressão, ansiedade, hostilidade, ideação paranóide, psicoticismo e ansiedade fóbica.

Ao nível da triangulação, quando os pais falam mal um do outro aos filhos, exigindo que defendam um dos lados, pode ter um efeito deteriorador na saúde psicofisiológica destes. Mais tarde as crianças demonstram níveis de agressão verbal e física perpetrada em direção aos próprios parceiros amorosos (Kinsfogel & Grych 2004, cit. por Shulman, Zlotnik, Shachar-Shapira, Connolly, & Bohr, 2012; Walper, Kruse, Noack, & Shwarz, 2005; Amato & Afifi, 2006).

Vários estudos confirmam que, mais o nível de conflito interparental percebido pelos filhos, que o divórcio *per se* tem um grande impacto nos filhos a nível cognitivo e social, exercendo uma grande influência nos vividos das relações amorosas dos jovens adultos, em especial nos próprios comportamentos conflituosos dentro dos relacionamentos, baixando a qualidade da relação (Summers, Forehand, Armistead & Tannenbaum, 1998; Cui, Fincham & Pasley, 2008; Shulman *et al.*, 2012; Melo, 2012). Autores como Mota e Matos (2009) reforçam este ponto de vista evidenciando que que filhos de pais divorciados que presenciaram baixos níveis de conflito interparental, apresentam uma maior capacidade de resiliência, comparativamente com filhos de famílias intactas com elevados níveis de conflito interparental.

A qualidade da relação pais-filhos faz-se notar como um dos pontos vitais preditores da qualidade de relações adultas de comprometimento satisfatórias. Quando existem elevados níveis de conflito na relação parental, contaminando o exercício da parentalidade, há uma tendência para o comprometimento da capacidade das crianças para lidar com as emoções negativas numa grande variedade de situações. Este tipo de problema afeta a organização mental dos sujeitos a uma larga escala; como

exemplo disso, muitas vezes se encontra associado a comportamentos de internalização e externalização da parte dos filhos, perpetrando muitas vezes a agressão verbal e física em direção aos próprios parceiros amorosos.

Por outro lado, os ambientes caracterizados por relações interparentais com características construtivas têm como resultado um desenvolvimento saudável nas crianças. As relações interparentais conflituosas continuam a surgir associadas a várias dificuldades desenvolvimentais (Sturge-Apple, Skibo & Davies, 2012).

Como as divergências entre parceiros são inevitáveis, a sua gestão é fundamental para o desenvolvimento de uma relação satisfatória. Por essa razão as experiências de conflito interparental são particularmente relevantes para os relacionamentos amorosos dos filhos.

Em suma, confirmando todas as teorias supramencionadas, conclui-se que a exposição dos filhos aos conflitos do casal resulta muitas vezes em danos ao nível emocional e comportamental. Posto isto, as diferentes respostas dos filhos à exposição ao conflito interparental depende da gestão e resolução de diferenças, das estratégias de resolução e dos padrões do conflito dos pais (Cummings, Goeke-Morey, & Papp, 2004). Os conflitos interparentais geralmente levam a uma diminuição da qualidade das relações parentais que por sua vez surte efeitos na relação entre pais e filhos, comprometendo o bem-estar dos mesmos. A este respeito, Sá (2009), atenta para o facto das experiências cumulativas de descuido, desamparo e indiferença serem parte integrante do sofrimento depressivo - o descuido compromete a função simbólica e o desamparo a fantasia (intuição, atenção e memória) - ; a indiferença que resulta deste tipo de episódios violentos ou de situações de interminável impasse “encaminham para experiências de quase morte que inibem sensibilidade (pp,59).”

Porém, a simples ocorrência de conflitos pode não determinar um prejuízo no bem-estar e o desenvolvimento de sintomatologia depressiva - a qualidade dos conflitos e o impacto que estes têm nos filhos em interação com as suas características individuais como o seu estilo cognitivo são o ponto de partida para esses possíveis problemas (O'Donnell, Moreau, Cardemil, & Pollastei, 2010).

1.3. A Influência do Conflito Interparental nas Relações Amorosas dos Filhos

De acordo com a perspectiva de curso de vida (Caspi & Bem, 1990; Elder, 1998, cit. por Cui, Wickrama, Lorenz & Conger, in Fincham & Cui, 2011), a presença de fatores de risco em tenra idade poderão dar movimento uma sucessão de eventos negativos que resultam em consequências duradouras. Ainda dentro desta perspectiva, os autores apresentam outro importante conceito, o de “vivências ligadas” –“ linked-lives”- que sugere que a vida das pessoas se encontra interligada com os comportamentos e ações das outras pessoas. Esta teoria corrobora que as experiências de

infância com a família, com especial efeito, os comportamentos maritais e os problemas dos pais, influenciam o desenvolvimento do curso de vida das crianças, incluindo o desenvolvimento das relações amorosas, à medida que amadurecem até à adultícia. Assim sendo, propõe-se que as diferenças individuais no início da vida, em especial os problemas maritais dos pais, determinarão diferenças na formação “*off-timing*” das relações amorosas (Elder, 1998, cit. por Cui, Wickrama, Lorenz & Conger, in Fincham & Cui, 2011).

À luz dos princípios da teoria da aprendizagem social, em 2010, Cui & Fincham propõem uma explicação para a influência do conflito interparental na qualidade das relações dos filhos jovens adultos, referindo que os jovens adultos cujos pais exibem altos níveis de conflito reproduzem esse comportamento nas suas relações com os seus parceiros amorosos afetando assim a qualidade relacional. Além disso, têm-se confirmado os efeitos negativos do alto conflito interparental nos filhos e a sua contribuição para o desenvolvimento de crenças negativas perante o estabelecimento de relações amorosas estáveis - vivenciar o conflito dos pais pode gerar medo da intimidade e menos intimidade emocional nos jovens (Kirk, 2002; Westervelt & Vanderberg, 1997 cit. por Bartell, 2006). Em sentido contrário, alguns estudos revelam que filhos de pais que exibem altos níveis de conflito parecem não diferir em termos de níveis de intimidade com os seus parceiros quando comparados com jovens adultos cujos pais exibem baixos níveis de conflito. Contudo, os primeiros também apresentam dificuldades de resolução de conflitos nas relações amorosas, revelando ser mais cautelosos sobre a possibilidade do casamento (Delevi, Cornille & Cui, 2012; Toomey & Nelson, 2001).

De acordo com a teoria anterior, alguns estudos têm documentado uma forte associação entre violência e abuso entre pais e abuso do parceiro no caso dos filhos (Dumas, Margolin, & John, 1994; Kalmuss, 1984, Murphy, Meyer, & O’Leary, 1993, Riggs & O’Leary, 1996, cit. por Cui & Fincham, 2010).

Tal como Moura e Matos (2008), Grych e Fincham (1990, cit. por Grych, Harold & Miles, 2003) propuseram que o impacto do conflito interparental e as implicações para o bem-estar nas crianças depende tanto de como o conflito é expresso de como as crianças interpretam o seu significado. Crianças que vêem o conflito como uma ameaça ou que sentem incapacidade de lidar de forma eficaz com a hipótese em questão, experienciam mais ansiedade e impotência quando o conflito ocorre, e aqueles que se responsabilizam por desentendimentos dos pais ou se sentem responsáveis em auxiliar a acabar com eles ficam predispostos a experimentar culpa, vergonha e tristeza (Grych, Harold & Miles, 2003).

Quando os pais têm problemas nas suas interações comportamentais, tais como na comunicação, restrição de críticas e resolução de conflitos, é provável que haja os filhos exibam o mesmo tipo de comportamento nos seus próprios relacionamentos amorosos. Vários estudos sugerem que adultos jovens cujos pais demonstraram problemas de comportamento interpessoais exibiram mais problemas (*e.g.* crítica e demonstração de raiva

frequente), que por sua vez, aumentaram as chances de término dos seus relacionamentos (Amato, 1996; Jacquet & Surra, 2001; Caspi & Elder, 1988, Sanders *et al.*, 1999, cit. por Cui & Fincham, 2010). Usando uma amostra de adolescentes com a idade dos 14 aos 18 anos, Kinsfogel e Grych (2004, cit. por Cui & Fincham, 2010) verificaram que o conflito interparental foi ligado a níveis mais altos de agressão verbal e física em direção às parceiras em rapazes adolescentes. Numa recente investigação, Cui, Fincham e Pasley (2008) estudaram relacionamentos amorosos em estudantes universitários e descobriram que o conflito interparental foi associado ao comportamento de conflito em jovens adultos e que este comportamento de conflito, por sua vez, foi associado à qualidade de relacionamento amoroso. Outros autores reforçam esta descoberta (Simon & Furman, 2010).

A frequência a intensidade e a forma como os pais resolvem os conflitos, poderão ter efeitos nas relações de intimidade que o jovem mais tarde desenvolve. Herzog & Cooney (2002) reiteram que o padrão destrutivo dos comportamentos observados no seio familiar podem reprisar-se mais tarde, ameaçando o bem-estar emocional do sujeito e do seu parceiro amoroso, bem como a qualidade dos padrões comunicacionais estabelecidos entre os parceiros amorosos.

Os dados provenientes de dois estudos portugueses também validam as tendências negativas da exposição ao conflito interparental mencionadas na literatura, demonstrando que os indivíduos que percecionam conflitos interparentais frequentemente denotam uma maior dependência face ao parceiro amoroso, enquanto indivíduos que manifestam bem-estar psicológico expresso por níveis elevados de felicidade evidenciam o desenvolvimento de relações amorosas saudáveis, pautadas pela confiança (Melo, 2012), e que o conflito interparental se associa negativamente e significativamente com a satisfação e confiança nos parceiros, não se relacionando com o compromisso (Jorge, 2013). A última investigadora demonstra também que se verificaram diferenças significativas na perceção do conflito interparental quanto ao estatuto conjugal dos pais, sendo que os sujeitos cujos pais são divorciados/separados indicam níveis de conflito interparental mais elevados.

Conclui-se que os jovens adultos podem moldar o seu comportamento em relacionamentos amorosos observando as interações disfuncionais conjugais entre os pais. Especificamente, as crianças podem aprender uma variedade de comportamentos de conflito observando as discussões dos seus pais, e estas observações são susceptíveis de moldar o comportamento de conflitos nos seus próprios relacionamentos amorosos. Além disso, ao testemunhar comportamentos dos pais que conduzem ao divórcio, as crianças podem desenvolver uma atitude negativa para com o compromisso de relacionamento e sobre o casamento em geral (Steinberg & Davila, 2008). Mais uma vez, é referido que é provável que se possa desenvolver uma tendência para dissolver um relacionamento logo que haja um confronto com um conflito, podendo os jovens estar menos inclinados a resolver divergências.

O relacionamento dos pais joga assim com as expectativas dos filhos que terão como tela as suas experiências de intimidade. Por todas estas razões, torna-se necessário o confronto do conflito percebido pelos filhos

para compreender de que modo esta percepção afetará a experiência de relacionamento amoroso, ao nível da satisfação vivida numa relação, e na motivação para nela se envolverem.

Tabela 1. Consequências do Conflito Interparental

	Autor	Estudo
Definição de Conflito Interparental	Moos & Moos, 1994, cit. por Koblinsky, Kuvalanka & Randolph (2006).	Define o Conflito Interparental 1994 como uma expressão aberta de zanga, desentendimento ou agressão entre o casal.
	Raposo, H., Figueiredo, B., Lamela, D., Nunes-Costa, R., Castro, M. & Prego, J. (2010).	Marcado por comportamentos de raiva, hostilidade, desconfiança, linguagem agressiva, agressão física e dificuldades de cooperação nos cuidados e comunicação com os filhos.
	Bradford, Vaughn & Barber (2008).	O conflito pode ser classificado como manifesto (<i>overt</i>) ou dissimulado/disfarçado (<i>covert</i>), referindo-se o primeiro a comportamentos e expressão de afetos hostis evidentes na interação dos pais, e o segundo aos mesmos comportamentos e afectos hostis, porém numa forma mais passivo-agressiva.
Consequências do Conflito Interparental ao Nível da Saúde Mental dos Filhos	Raposo, H., Figueiredo, B., Lamela, D., Nunes-Costa, R., Castro, M. & Prego, J. (2010).	Crianças envolvidas em separações altamente conflituosas apresentam mais problemas de externalização, quando comparadas com crianças que experienciam separações parentais com baixos níveis de conflito. Segundo Emery (cit. por Raposo et al., 2010), processos familiares como a parentalidade inadequada, conflito interparental e desestruturação da estrutura familiar, explicam muitos dos comportamentos de externalização encontrados entre as crianças dos pais divorciados.
	Kinsfogel & Grych 2004, cit. por Shulman, Zlotnik, Shachar-Shapira, Connolly, &	Quando os pais falam mal um do outro aos seus filhos, pode ter um efeito deteriorador na saúde psicofisiológica destes - Mais tarde estas crianças demonstram níveis de agressão verbal e física perpetrada em direcção aos próprios parceiros amorosos.

	Bohr (2012).	
	Sturge-Apple, Skibo & Davies. (2012).	Relações interparentais conflituosas surgem associadas a várias dificuldades desenvolvimentais.
	Unger, Brown, Tressell & McLeod (2000).	Num estudo realizado com adolescentes provenientes de famílias intactas e divorciadas, os resultados sugerem que os conflitos interparentais têm estreita relação com o humor deprimido dos filhos em ambas situações familiares.
	Benetti (2006); Davies & Cummings, 2006 cit. por Cui et al., 2011; Grych & Fincham (1990); Grych et al. (2003); Grych et al. (1992).	O facto de os filhos assistirem ao conflito dos pais interfere no processo de desenvolvimento psicossocial destes por potenciar um estado de desajuste emocional com elevados níveis de ansiedade, frustração, raiva, auto-culpabilidade, baixa autoestima e afeto deprimido.
	Turner & Kopiec (2006).	Quando os jovens adultos são expostos a níveis elevados de conflito interparental apresentam uma maior probabilidade de ocorrência de distúrbios depressivos, abuso ou dependência de álcool e diminuição de autoestima.
	Luecken & Appelhans, 2005; Riggio, 2004; Riggio & Valenzuela, 2011 cit. por Jorge (2013).	O conflito parece também comprometer capacidades psicológicas e relacionais na idade adulta, abrangendo mudanças ao nível da vigilância sobre ameaças.
	Melo (2012).	Os conflitos interparentais particularmente caracterizados pela intensidade predizem positivamente o desenvolvimento de sintomatologia psicopatológica (somatização, sensibilidade interpessoal, depressão, ansiedade, hostilidade, ideação paranóide, psicoticismo e ansiedade fóbica). Por outro lado, o bem-estar psicológico (felicidade) relaciona-se de forma negativa com o desenvolvimento de psicopatologias como a somatização, obsessões-compulsões, sensibilidade interpessoal, depressão,

		ansiedade, hostilidade, ideação paranóide, psicoticismo e ansiedade fóbica.
Transgeracionalidade de Comportamentos Relacionais	Kapinus. (2005).	Jovens adultos podem determinar deixar um relacionamento menos satisfatório em vez de trabalhar sobre a relação, baseando-se nas consequências do seu comportamento ou dos seus pais.
	Grych & Fincham (1990).	Quando os conflitos são resolvidos com sucesso os pais proporcionam aos filhos modelos efetivos de capacidades de resolução de problemas que lhes permitem adaptar-se nos relacionamentos com os outros, permitindo generalizar esses estilos de resolução de conflitos para as relações de pares subsequentes.
	Doumas, Margolin & John , 1994; Kalmuss, 1984, Murphy , Meyer , & O'Leary , 1993, Riggs & O'Leary , 1996, cit. por Cui & Fincham (2010).	Existe uma forte associação entre violência e abuso entre pais e abuso do parceiro no caso dos filhos.
	Amato , 1996; Jacquet & Surra , 2001; Caspi e Elder, 1988, Sanders et al , 1999, cit. por Cui & Fincham (2010)	Adultos jovens cujos pais demonstraram problemas de comportamento interpessoais exibiram mais problemas (e.g. crítica e demonstração de raiva frequente), que por sua vez, aumentaram as chances de término dos seus relacionamentos.
	Kinsfogel e Grych,2004 cit. por Cui & Fincham (2010).	O conflito interparental foi ligado a níveis mais altos de agressão verbal e física em direcção às parceiras em rapazes adolescentes.
	Kinsfogel e Grych 2004, cit. por Shulman, Zlotnik, Shachar-	Quando os pais falam mal um do outro aos filhos, exigindo que defendam um dos lados, pode ter um efeito deteriorador na saúde psicofisiológica destes. Mais tarde as crianças demonstram níveis de agressão verbal e física perpetrada em direcção aos próprios parceiros

	Shapira, Connoly, & Bohr (2012); Walper, Kruse, Noack, & Shwarz (2005); Amato & Afifi (2006).	amorosos.
Consequências do Conflito Interparental na Qualidade das Relações Amorosas dos Filhos	Auslander, Short & Succop. (2009).	A qualidade da relação relação pais-filhos em termos de carinho está relacionada com a qualidade de relações adultas de comprometimento e com a satisfação. Quando os pais são calorosos e compreensivos, definem regras firmes e supervisionam apropriadamente os adolescentes (<i>authoritative parenting style</i>), estes envolvem-se menos em comportamentos de risco.
	Cui , Fincham & Pasley. (2008); Shulman et al. (2012); Simon & Furman (2010).	O conflito interparental tem um grande impacto nos vividos das relações amorosas dos jovens adultos, em especial nos próprios comportamentos conflituosos dentro dos relacionamentos, baixando a qualidade da relação.
	Melo (2012).	Os indivíduos que percecionam conflitos interparentais frequentemente denotam uma maior dependência face ao parceiro amoroso, enquanto indivíduos que manifestam bem-estar psicológico expresso por níveis elevados de felicidade evidenciam o desenvolvimento de relações amorosas saudáveis, pautadas pela confiança.
	Jorge (2013).	O conflito interparental associa-se negativamente e significativamente à satisfação e confiança nos parceiros, não se relacionando com o compromisso.

Fonte: Elaboração Própria

II. Objetivos do Estudo Emprico

A partir de uma perspectiva desenvolvimental, certas crenças e comportamentos preditivos de resultados conjugais estão presentes em algumas relações antes do casamento (Conger *et al.* , 2000, cit. por Shulman *et al.*, 2012) .Vários estudos recentes têm examinado o impacto dos conflitos interparentais nas relações amorosas dos filhos, porém ainda pouco se sabe sobre os mecanismos responsáveis pela associação documentada, e em especial, a influência destes na motivação para permanecer nos

relacionamentos.

O presente estudo empírico tem como objetivo principal contribuir para uma melhor compreensão do papel do conflito interparesntal percebido num estabelecimento e manutenção de relações amorosas satisfatórias em jovens adultos.

Mais especificamente, pretende-se: a) perceber se os fatores do conflito interparesntal percebido interferem na qualidade e estabilidade das relações amorosas passadas ou atuais, b) Se os fatores do nível de conflito interparesntal percebido interferem nas motivações para o envolvimento e permanência na relação passada ou atual, c) Se os fatores do nível de conflito interparesntal percebido interferem na duração dos relacionamentos amorosos dos sujeitos, d) Se os fatores do nível de conflito interparesntal percebido interferem nas expectativas e no compromisso que os sujeitos têm em relação ao seu relacionamento amoroso e e) Se existem diferenças entre géneros no que toca à influência do conflito interparesntal percebido na qualidade e estabilidade e na motivação dos relacionamentos amorosos dos sujeitos, no compromisso, duração e expectativas do relacionamento.

Em termos genéricos, intenciona-se perceber em que medida o conflito interparesntal percebido se relaciona com uma motivação tendencialmente mais intrínseca/autónoma ou extrínseca dos indivíduos para manter relações amorosas, bem como a relação entre o conflito interparesntal percebido e a satisfação relacional, o compromisso, a duração e as expectativas de duração dos relacionamentos, fazendo uma comparação entre os géneros. Para testar as hipóteses descritas em seguida, escolheu-se proceder com um estudo de correlações, pois este tipo de estudos permitem a identificação e estabelecimento de relações entre as variáveis referidas, comparações, para verificar as tendências centrais da amostra em questão, e associações, que demonstrarão se os valores esperados se observam nos resultados.

Almeja-se com este estudo promover uma melhor compreensão do impacto das relações parentais conflituosas na educação para as relações diádicas dos filhos em emergente idade adulta. A informação que do estudo advém, poderá contribuir para um aperfeiçoamento de intervenções a nível clínico no intuito de promover o bem-estar individual e conjugal.

2.1. Hipóteses

1: As dimensões de perceção do conflito, satisfação com a relação e motivação na relação estão relacionadas reciprocamente – níveis mais altos de conflito inteparental (não resolvido) relacionam-se com menos satisfação na relação e uma motivação menos autónoma para nela permanecer;

2: A perceção do conflito é diferente entre quem assume relações de compromisso ou abertas – os indivíduos que se encontram em relações abertas percecionam níveis mais elevados e destrutivos de conflito;

3: O tempo de relação é diferente mediante a perceção do conflito, sendo que

quem percebe níveis mais elevados e destrutivos de conflito encontra-se numa relação à menos tempo;

4: A percepção do conflito, satisfação com a relação e motivação na relação diferencia-se de acordo com o género.

5: O género está associado com o compromisso na relação, expectativas da relação e duração da relação.

6: A percepção do conflito relaciona-se com as expectativas na relação, sendo que quem percebe um conflito mais elevado e destrutivo especula que o tempo da sua relação será mais curto do que quem percebe níveis menos elevados e destrutivos de conflito.

III. Metodologia

3.1. Participantes

O presente estudo engloba uma amostra de conveniência de 148 sujeitos, dos 18 anos aos 25 anos ($M= 21.76$, $dp= 2.22$) estudantes do Ensino Superior em Portugal, sendo 60 do sexo masculino (40.5%) e 88 do sexo feminino (59.5%). Relativamente ao estado civil dos pais 107 destes eram casados (72.3%), quatro estavam juntos (2.7%), 29 divorciados (19.6%) e oito separados (5.4%). A orientação sexual da grande maioria dos jovens era heterossexual (91.9%), seguida pela bissexual (4.7%) e homossexual (3.4%). No que se refere às relações atuais 121 dos jovens (81.8%) tinha uma relação de compromisso (namoro, 79.1%; casamento 1.4%; noivado 1.4%) e os restantes 24, uma relação aberta (16.2%). No que se refere à duração do relacionamento, este variou entre 1 mês (0.08 anos) e oito anos, com média de 2.02 anos e desvio padrão de 1.90 anos.

Tabela 2. *Dados Sociodemográficos da Amostra*

Variável	
Sexo (n; %)	
Masculino	60 (40.5%)
Feminino	88 (59.5%)
Estado civil dos pais (n; %)	
Casados	107 (72.3%)
Divorciados	29 (19.6%)
Juntos	4 (2.7%)
Separados	8 (5.4%)
Orientação Sexual (n; %)	
Heterossexual	136 (91.9%)
Homossexual	5 (3.4%)
Bissexual	7 (4.7%)
Relação atual (n; %)	
Compromisso	121 (81.8%)

Relação aberta	24 (16.2%)
Idade (anos; M±dp) [mín-máx]	21.76±2.22 [18-28]
Duração da relação atual (anos; M±dp) [mín-máx]	.02±1.90 [0.08 - 8]

* % por total de divorciados + separados

3.2. Instrumentos

O protocolo de avaliação é constituído por instrumentos de auto-resposta: um questionário sóciodemográfico, uma escala que mede a perceção do conflito interparesparental (CPIC), uma escala que mede a qualidade das relações amorosas (RRF) e uma escala que avalia as razões pelas quais os indivíduos se envolvem e permanecem na sua relação amorosa.

Questionário Sóciodemográfico

No Questionário Sóciodemográfico são requeridos dados pessoais, o estatuto conjugal em que se encontra inserido o sujeito em relação ao estatuto conjugal dos pais, a situação relacional amorosa, o tempo de duração do relacionamento amoroso e as expectativas de duração do relacionamento.

The Children's Perception of Interparental Conflict Scale (CPIC, Moura, Santos e, Matos, 2006/2010, Grych, Seid & Fincham, 1992)

O Children's Perception of Interparental Conflict Scale (CPIC; Grych, Seid & Fincham, 1992) é um questionário de auto-relato que avalia a perceção que as crianças e os jovens têm relativamente ao conflito interparesparental ao nível de frequência, intensidade, resolução e conteúdo dos conflitos e aspectos relativos à interpretação da criança, (ameaça percebida, eficácia no coping, culpa e estabilidade causal) (Grych *et. al*, 1992).

O instrumento tem por base a teoria cognitivo contextual desenvolvida por Grych e Fincham (1990), que explica a relação entre o conflito interparesparental e o ajustamento dos filhos, o que varia em função das características do conflito, de factores contextuais e o nível de desenvolvimento cognitivo da criança (Grych, Harold & Miles, 2003).

De modo a identificar as características do conflito, os autores desenvolveram um instrumento de 48 itens que se distribui mediante 9 dimensões do conflito interparesparental: *frequência*, *intensidade*, *resolução*, *conteúdo*, *perceção da ameaça*, *eficácia*, *culpa*, *triangulação* e *estabilidade*. A dimensão *frequência* refere-se à frequência com que o sujeito assiste ao conflito dos pais; a *intensidade* explica a exacerbação do comportamento de conflito; a *resolução* remete para a capacidade dos pais resolverem o conflito; o *conteúdo* refere-se à perceção do sujeito de que os assuntos que o conflito interparesparental envolve estão relacionados consigo; a *perceção de ameaça* remete para o medo sentido pelo sujeito durante os conflitos; a *culpa* refere-se ao facto do sujeito de autoculpabilizar pelo conflito; a *triangulação*

tem que ver com facto de o sujeito ser posto em questão pelos pais, sendo incentivado a tomar um dos lados destes; por fim, a *estabilidade* refere-se à percepção de que a relação os pais não é pautada por sentimentos de amor e felicidade. Cada um destes itens utiliza uma escala tipo Likert, de seis pontos que varia de 1 (“Discordo totalmente”) a 6 (“Concordo totalmente”), sendo os itens 1, 2, 5, 8, 12, 18, 22, 26, 27, 35, 38 e 47 cotados inversamente. Alguns itens presentes na escala são representados pelas questões, por exemplo, “As discussões dos meus pais são frequentemente por minha causa” (item 19; *Conteúdo*), “Quando os meus pais discutem eu tenho medo que algo de mal aconteça” (item 23; *Percepção de Ameaça*) e “Os meus pais continuam zangados, mesmo depois de terminarem uma discussão” (item 45; *Resolução*).

Após a análise fatorial exploratória e confirmatória e da consistência interna, os autores originais reorganizaram as 9 escalas em 3 grandes dimensões: Propriedades do Conflito (composta pelas escalas Frequência: itens 1, 9, 14, 17, 26 e 34; Intensidade: 4, 12, 21, 30, 35, 37 e 42; Resolução: 2, 10, 18, 27, 38 e 45), Culpa (composta pelas escalas Conteúdo: 3, 19, 28 e 36 e Culpa: 8, 16, 25, 40 e 47) e Ameaça (composta pelas escalas Percepção de ameaça: 6, 15, 23, 32, 39 e 44; Eficácia de Coping: 5, 13, 22, 31, 43 e 48). A dimensão Propriedades do Conflito pretende avaliar a percepção das crianças relativamente ao carácter destrutivo de conflito parental; a dimensão Ameaça avalia a percepção de ameaça e de medo desencadeado pelo conflito, associado a um sentimento de incompetência pessoal para lidar com o conflito, e, por fim, a dimensão Culpa procura avaliar a autoculpabilização pelo conflito dos pais. Nesta reorganização em três dimensões, foram eliminadas as escalas Estabilidade e Triangulação, uma vez que os itens não saturavam de forma consistente nos 3 factores concebidos.

Os estudos originais de Grych *et. al* (1992) revelam uma boa fiabilidade na consistência interna em duas amostras de 222 e 114 sujeitos, com alfas de Cronbach, para a dimensão intensidade de .82 e .80, para a dimensão frequência de .70 e .68, para a dimensão resolução de .83 e .82, e para a dimensão de propriedades do conflito de .90 e .89. A análise da consistência interna da CPIC validada para Portugal por Sani (2003) revelou no coeficiente alfa de Cronbach um valor de .90, tendo sido encontrados valores aceitáveis e próximos do estudo original.

Este questionário foi também validado e traduzido para a população portuguesa por Moura, Andrade e Matos (2003), apresentando igualmente níveis elevados de fiabilidade, sendo esta a versão utilizada no presente estudo.

Análise Psicométrica do CPIC

No que se refere ao CPIC os resultados de fiabilidade (alfa de Cronbach e correlação item-total) e unidimensionalidade (variância explicada e loadings) sugeriram a eliminação dos itens 1 (Frequência), 42 (Intensidade), 5 e 22 (Eficácia), 8 e 47 (Culpa) devido ao incumprimento dos respetivos critérios (correlação item-total >.30, loadings >.45).

A Tabela 3 mostra que, no caso de todas as dimensões, após eliminação dos referidos itens, todos os critérios referidos foram cumpridos (correlação item-total, alfa de Cronbach, loadings, KMO e BTS), sugerindo confiabilidade do CPIC enquanto instrumento para medir a percepção do conflito parental.

Tabela 3: Análise de Fiabilidade e Unidimensionalidade para o CPIC

Dimensão	Item	Correlação Item-total	α Cronbach	Loadings	Variância Explicada	KMO e BTS
Frequência	9	.34	.82	.49	57.83%	KMO= 0.82 BTS, p<.001
	14	.72		.85		
	17	.71		.85		
	26	.61		.76		
	34	.64		.79		
Intensidade	4	.59	.83	.73	54.40%	KMO= 0.83 BTS, p<.001
	12	.64		.77		
	21	.77		.87		
	30	.78		.88		
	35	.48		.63		
	37	.34		.46		
Resolução	2	.68	.88	.78	62.72%	KMO= 0.84 BTS, p<.001
	10	.70		.80		
	18	.68		.79		
	27	.67		.78		
	38	.68		.79		
	45	.72		.82		
Conteúdo	3	.52	.78	.71	62.17%	KMO= 0.73 BTS, p<.001
	19	.58		.79		
	28	.64		.83		
	36	.67		.82		
Perceção de ameaça	6	.63	.84	.75	55.84%	KMO= 0.87 BTS, p<.001
	15	.67		.79		
	23	.76		.86		
	32	.57		.70		
	39	.50		.64		
	44	.58		.71		
Eficácia	13	.52	.75	.74	56.80%	KMO= 0.73 BTS, p<.001
	31	.59		.79		
	43	.52		.74		
	48	.52		.74		
Culpa	16	.66	.77	.87	69.31%	KMO= 0.67 BTS, p<.001
	25	.52		.76		
	40	.66		.87		
Triangulação	7	.44	.76	.66	58.51%	KMO= 0.76 BTS, p<.001
	24	.55		.76		
	33	.59		.79		
	41	.66		.84		
Estabilidade	11	.69	.82	.91	67.08%	KMO= 0.77 BTS, p<.001
	20	.11		.48		
	29	.63		.90		
	46	.69		.91		

Relationship Rating Form (R.R.F, Lind, W., 2007, Davis,1996)

O R.R.F (Davis, 1996, cit. por Rodrigues, 2013) mede a qualidade das relações amorosas ou próximas. Grande parte dos estudos que utilizaram a versão original deste instrumento teve como participantes estudantes universitários. Estes participantes encontravam-se no momento envolvidos em relações amorosas ou em amizades (Davis, Kirkpatrick, Levi & O’Hearn, 1994; Davis & Todd, 1982, 1985, Davis & Latty-Mann, 1987, cit. por Rodrigues, 2013). O R.R.F foi também utilizado com participantes entre os 40-45 anos e 60-80 anos (Davis, Todd & Denny, 1988, cit. por Rodrigues, 2013). O presente instrumento foi traduzido para a língua alemã por Hans W. Bierhoff & Petra Plitzko (1995; cit. por Lind, 2008), aplicado a 56 casais tendo demonstrado apoio para a validade do instrumento como uma medida das características centrais das relações próximas, as quais predizem a satisfação e a estabilidade relacional ao longo do tempo.

A versão original deste instrumento foi traduzida, adaptada e revista para a população portuguesa por Lind (2008). O instrumento era inicialmente composto por 68 itens, pelo que foi reduzido a 46 itens no estudo de Lind (2008), dando origem à R.R.F-R. Deste modo, surgiram 4 fatores, o primeiro com 19 itens, o segundo com 14 itens, o terceiro com 7 itens e o quarto com 6 itens. Os valores de alfa de Cronbach obtidos por Lind (2008) foram muito elevados (.98 para as mulheres e .97 para os homens), revelando-se ligeiramente superiores aos da versão original.

O instrumento é composto por 4 escalas que avaliam a *paixão* (Aceita esta pessoa tal como ela é?), *confiança* (Pode contar com esta pessoa em alturas de necessidade?), *conflito* (Briga e discute com esta pessoa?) e *intimidade* (Esta pessoa revela o que há de melhor em si?). São apresentadas aos participantes questões às quais devem responder através de uma escala de Likert de 9 pontos, em que 1 corresponde a “nada” e 9 a “completamente ou extremamente”, assinalando o número que melhor corresponde aos sentimentos em relação à outra pessoa (Rodrigues, 2013).

Couples Motivation Questionnaire (CMQ, Moreira, Mader, & Monteiro, 2010, Blais, Sabourin, Boucher, & Vallerand, 1990)

O CMQ (Blais, Sabourin, Boucher, & Vallerand, 1990) avalia as razões pelas quais os indivíduos se envolvem e permanecem na sua relação amorosa atual, tornando-se uma determinante próxima dos resultados relacionais (La Guardia & Patrick, 2008). Vários estudos realizados com o presente instrumento demonstraram que os tipos de motivação para permanecer na relação amorosa influenciam a satisfação com a mesma, existindo um contínuo entre as diferentes motivações, desde a motivação mais autónoma (motivação intrínseca) à motivação mais controlada (motivação extrínseca) (Gaine & La Guardia, 2007; Gaine & La Guardia, 2009).

O CMQ foi traduzido e adaptado para a população portuguesa por

Monteiro (2010), que analisou a estrutura interna do instrumento através de uma análise fatorial exploratória. Foram encontrados três fatores, a motivação intrínseca, que é considerada como a evidenciadora do melhor grau de autonomia, representado a atividade perseguida pelo interesse ou prazer na atividade em si, e as formas mais autônomas de regulação externa, a regulação identificada (comportamento com a intenção de receber e obter recompensas externas ou evitar punições) e integrada (refere-se a quando o valor servido por um comportamento particular é integrado com outros valores ou objetivos do self. O comportamento encaixa coerentemente com outros aspetos importantes do self o que não é necessariamente o caso da regulação identificada. Esta é a forma mais autônoma da motivação extrínseca pois envolve a experiencia de agir em conformidade com uma integrada organização de objetivos e valores pessoais); amotivação (quando amotivada, a pessoa percebe o resultado desejado como não sendo contingente no seu comportamento, ou a pessoa não tem habilidade para produzir o comportamento) , e formas de motivação extrínseca mais controladas, a regulação externa e a regulação introjetada (comportamento que serve um valor internalizado que ainda não foi pessoalmente confirmado pelo indivíduo. O comportamento é internamente regulado por pressões intrapsíquicas para manter a auto-estima ou evitar a culpa. Como o valor não é pessoalmente aprovado ou “próprio”, o comportamento é experienciado como controlado), respetivamente. As únicas duas exceções a este padrão foram os itens 2 e 9, que não apresentaram uma saturação clara em nenhum dos fatores, pelo que não foram utilizados no estudo de Monteiro (2010).

O padrão de saturações sugeriu, assim, a criação de três escalas, uma representativa da Amotivação, outra da Motivação Controlada (englobando as regulações externa e introjetada) e outra da Motivação Autônoma (contendo as regulações identificada e integrada e a motivação intrínseca). Os valores dos coeficientes alfa de Cronbach obtidos por Monteiro (2010) para cada uma destas três escalas foram, respetivamente, 0,823, 0,813 e 0,879, pelo que se demonstram satisfatórios. O CMQ é composto por 21 itens e cada um apresenta aos participantes uma possível razão para a manutenção da relação, sendo-lhes pedido que avaliem numa escala Likert de 1 (“Nada”) a 7 (“Exatamente”) o grau em que esse motivo corresponde a uma das razões pelas quais estão envolvidos na sua relação atual.

Este questionário contém seis subescalas que avaliam os seis tipos de motivação propostos pela SDT: motivação intrínseca (Porque adoro os numerosos momentos loucos e divertidos que vivencio com o meu parceiro/a minha parceira.), regulação integrada (Porque a minha relação com o meu parceiro/a minha parceira é uma forma privilegiada de me aperfeiçoar no plano pessoal), regulação identificada (Porque a minha vida de casal é um dos meios que valorizo de participar em novas atividades.), regulação introjetada (Porque tenho uma necessidade absoluta de estar com o meu parceiro/a minha parceira para me sentir importante.), regulação externa (Porque as pessoas que são importantes para mim, por exemplo, filhos, família, amigos estão orgulhosas da nossa relação e não as quero desapontar.) e amotivação (Não sei porquê. No fundo, não tenho realmente vontade de me esforçar para manter a minha relação de casal.) (Rodrigues, 2013). Para a análise realizada no presente estudo foram usadas as três escalas propostas por Monteiro (2010).

Análise Psicométrica do RRF e do CMQ

Relativamente ao RRF e CMQ não houve lugar à eliminação de qualquer item, pois os resultados mostram que os critérios previamente enunciados foram cumpridos na íntegra ao nível da correlação item-total, alfa de Cronbach, loadings, KMO e BTS (Tabelas 4 e 5). A única exceção foi em CMQ (Tabela 5), onde a dimensão Motivação Autónoma obteve uma percentagem de variância explicada de 47%. Ainda assim não houve lugar à eliminação de qualquer item, pois este facto não constituía, em qualquer caso, uma melhoria a nível da consistência interna, ou aumento da percentagem de variância explicada.

Tabela 4: Análise de Fiabilidade e Unidimensionalidade para RRF

	Item	Correlação Item-total	α Cronbach	Loadings	Variância Explicada	KMO e BTS
Paixão	1	.57	.94	.60	51.43%	KMO= 0.92 BTS, p<.001
	2	.45		.48		
	3	.43		.47		
	4	.43		.47		
	12	.74		.78		
	13	.72		.77		
	14	.72		.76		
	15	.65		.69		
	16	.66		.70		
	17	.61		.65		
	18	.48		.52		
	29	.79		.82		
	30	.75		.78		
	31	.81		.85		
	32	.67		.72		
	33	.84		.87		
34	.73	.77				
43	.81	.85				
44	.82	.85				
Confiança	7	.83	.95	.87	63.08%	KMO= 0.92 BTS, p<.001
	19	.58		.62		
	20	.82		.85		
	21	.82		.85		
	22	.81		.84		
	23	.70		.74		
	24	.73		.77		
	25	.81		.84		

	26	.85		.88		
	27	.66		.71		
	28	.63		.68		
	35	.80		.84		
	36	.72		.77		
	37	.77		.81		
	38	.45		.59		
	39	.60		.72		
	40	.77		.85		
Conflitos	41	.56	.83	.70	50.64%	KMO= 0.76 BTS, p<.001
	42	.65		.76		
	45	.56		.69		
	46	.50		.63		
	5	.51		.65		
	6	.55		.67		
Intimidade	8	.63	.81	.76	53.70%	KMO= 0.79 BTS, p<.001
	9	.70		.83		
	10	.64		.79		
	11	.50		.67		

Tabela 5: Análise de Fiabilidade e Unidimensionalidade para CMQ

Dimensão	Item	Correlação Item-total	α Cronbach	Loadings	Variância Explicada	KMO e BTS
Amotivação	1	.69	.88	.83	74.09%	KMO= 0.79 BTS, p<.001
	4	.83				
	8	.73				
	13	.73				
Motivação controlada	2	.36	.73	.54	50.00%	KMO= 0.60 BTS, p<.001
	7	.46				
	10	.62				
	11	.56				
	18	.47				
Motivação autónoma	3	.46	.88	.49	47.00%	KMO= 0.86 BTS, p<.001
	5	.50				
	6	.53				
	9	.41				
	12	.64				
	15	.66				
	16	.67				

17	.66	.76
19	.67	.79
20	.64	.72
21	.67	.79

3.3. Recolha de Dados

No que diz respeito à recolha de dados, num primeiro momento foram produzidas autorizações, fornecidas aos sujeitos de modo a garantir a confidencialidade e anonimato e o devido consentimento informado. Ainda, foi aplicado um questionário sociodemográfico de forma a despistar eventuais variáveis que pudessem ter relevância na análise feita posteriormente, bem como, as escalas de avaliação CPIC, CMQ e RRF, de forma a recolher os dados específicos ao objetivo da investigação. Os questionários e escalas foram entregues em suporte papel e em formato digital num formulário online.

3.4. Procedimentos Estatísticos

As análises estatísticas foram realizadas com recurso ao software informático SPSS, versão 22.0 (IBM Corporation, 2013).

Em primeiro lugar foram revertidos os itens do CPIC, nas dimensões Frequência (item 1 e 26), Intensidade (item 35), Resolução (itens 2, 18, 27 e 38), Eficácia (item 5 e 22), Culpa (itens 8 e 47) e do RRF na dimensão Conflitos (itens 38 a 42, 45 e 46), seguindo a sugestão dos autores dos respectivos instrumentos.

De seguida, para analisar as propriedades psicométricas dos instrumentos utilizados foi seguida a sugestão metodológica de Rodrigues (2008), que sugere o cálculo da fiabilidade, medida com o alfa de Cronbach $\geq .70$ (Nunnally, 1978) e correlação item-to-total $\geq .30$ (Everitt, 2002; Field, 2005), de forma a confirmar a consistência interna de cada dimensão presente em cada instrumento. Também, de acordo com Rodrigues (2008), foi avaliada a unidimensionalidade, que diz respeito à confirmação de que o conjunto dos itens de cada dimensão reflete, de facto, um único fator (Churchill, 1979) e que o valor crítico da variância explicada por um único fator deve ser superior a 50% (Maroco, 2003). O processo utilizado para provar a unidimensionalidade foi a Análise em Componentes Principais (ACP).

De forma a comprovar a unidimensionalidade tiveram-se em conta os seguintes critérios:

- 1- A covariância existente entre a dimensão e o item, carga fatorial (factor loading), que avalia a relação existente entre o item e a dimensão a que este teoricamente pertence. Neste estudo foram considerados como válidos, valores acima de .45 (Comrey e Lee, 1992);

- 2- Cada dimensão deve ter um valor mínimo de variância explicada de 50%, o que significa que deve explicar, pelo menos 50% do total de variância de todas as variáveis em análise nessa dimensão (Streiner, 1994);
- 3- O teste Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) é útil para conhecer a proporção da variância dos dados que pode ser considerada comum a todas as variáveis e para tal foi considerado um valor mínimo de .60 (Maroco, 2003; Sharma, 1996);
- 4- O teste de esfericidade de Bartlett (BTS), que testa se a matriz de correlação dos dados é uma matriz identidade, sinónimo de ausência de correlação entre as variáveis. Este teste rejeita a hipótese nula, de inexistência de correlação, se o valor de prova for inferior a 5% (Snedecor e Cochran, 1989).
- 5- Após a análise destes critérios e respetiva depuração dos instrumentos utilizados, com eliminação de alguns itens foram construídas as dimensões, com base no cálculo das médias dos itens que as compõem.

De seguida, foram calculadas estatísticas descritivas, médias (M) e desvios padrão (dp), bem como uma análise exploratória inicial dos dados, com enfoque particular na verificação do pressuposto de normalidade através do teste Komogorov-Smirnov (Maroco, 2003). Pelo facto deste pressuposto não ter sido verificado em qualquer uma das dimensões ($p < .05$) foram utilizadas estatísticas não paramétricas para dar resposta às hipóteses do estudo. Para as comparações foi utilizada a estatística de Mann-Whitney, para medir a associação entre variáveis quantitativas foi utilizado o coeficiente de correlação de Spearman e para medir a associação entre variáveis nominais foi utilizada a estatística Qui-Quadrado.

IV. Resultados

4.1. Relação entre Perceção de Conflito Interparental, Motivação Para a Relação e Satisfação na Relação

Nesta secção são apresentados os resultados relativos às hipóteses formuladas.

Relativamente à Hipótese 1 que procurou verificar se as dimensões de perceção do conflito, satisfação com a relação e motivação na relação estão relacionadas reciprocamente (Tabela 6), os resultados apontam uma tendência de associação positiva entre a perceção de conflito e a motivação na relação, em particular na Amotivação, onde quase todas as dimensões do CPIC obtiveram resultados estatisticamente significativos ($p < .05$). Esta tendência significa que maiores índices de perceção de conflito estão relacionados com níveis de motivação menos autónoma, em particular ao nível da Culpa ($\rho = .36$), Conteúdo ($\rho = .35$) e Triangulação ($\rho = .33$). A mesma tendência, embora com menor intensidade, foi encontrada na Motivação Controlada, em particular ao nível da Triangulação ($\rho = .31$). Na Motivação Autónoma não foi encontrado qualquer resultado significativo.

No que toca à relação da percepção do conflito com a qualidade das relações (RRF), ao contrário dos resultados anteriores, a tendência encontrada foi negativa, em particular ao nível dos Conflitos (que se mede no sentido positivo, sendo uma medida de relação saudável), onde foram encontrados vários resultados estatisticamente significativos ($p < .05$). Aqui, as dimensões do CPIC que obtiveram níveis de correlação mais elevados foram o Conteúdo ($\rho = -.39$), Culpa ($\rho = -.33$) e Triangulação ($\rho = -.32$). A mesma tendência, embora com menor expressão, foi encontrada nas dimensões Intimidade, onde se destacam as relações com Frequência ($\rho = -.29$) e Culpa ($\rho = -.26$), Confiança, onde se destaca a relação com Frequência ($\rho = -.25$) e Paixão, onde se destaca a relação com Conteúdo ($\rho = -.20$).

Por fim na relação entre qualidade (RRF) e motivação (CMQ) nas relações os resultados apontaram de forma bastante saliente para correlações negativas entre a Amotivação (CMQ) e todas as dimensões da qualidade nas relações: Paixão ($\rho = -.71$), Confiança ($\rho = -.60$), Intimidade ($\rho = -.56$) e Conflitos ($\rho = -.52$). Estes resultados sugerem que quanto mais amotivados estiverem os jovens menor será a qualidade das relações. Na Motivação Controlada foi encontrado um resultado significativo ($p < .05$) na relação com a dimensão Conflitos ($\rho = -.29$), indicando que níveis maiores de motivação controlada se relacionam com relações menos saudáveis (mais conflituosas). A Motivação Autónoma, ao contrário das anteriores, obteve correlações estatisticamente significativas positivas com todas as dimensões do RRF: Paixão ($\rho = .50$), Confiança ($\rho = .45$), Intimidade ($\rho = .43$) e Conflitos ($\rho = .17$). Assim, níveis mais elevados de Motivação Autónoma, estão relacionados com níveis mais elevados da qualidade das relações.

Tabela 6. Correlações entre as dimensões CPIC, RRF e CMQ

	Correlação Spearman	CMQ			RRF			
		Amotivação	Motivação Controlada	Motivação Autónoma	Paixão	Confiança	Conflitos ^a	Intimidade
CPIC	Frequência	.28*	.14	-.07	-.18*	-.25*	-.23*	-.29*
	Intensidade	.23*	.09	.01	-.11	-.14	-.13	-.13
	Resolução	.20*	.04	-.02	-.08	-.13	-.20*	-.20*
	Conteúdo	.35*	.26*	-.12	-.20*	-.18*	-.39*	-.23*
	Percepção de ameaça	.09	.18*	.06	.03	-.06	-.17*	-.14
	Eficácia	.12	.11	.06	-.01	-.09	-.15	-.12
	Culpa	.36*	.26*	-.12	-.18*	-.18*	-.33*	-.26*
	Triangulação	.33*	.31*	.02	-.10	-.13	-.32*	-.22*
	Estabilidade	.19*	.08	.06	-.08	-.14	-.28*	-.15
CMQ	Amotivação				-.71*	-.60*	-.52*	-.56*
	Motivação Controlada				-.10	-.12	-.29**	-.12
	Motivação Autónoma				.50*	.45*	.17*	.43*

* $p < .05$; ^amedido sob o ponto de vista positivo (relação saudável)

4.2. Perceção de Conflito Interparental em Relações de Compromisso e Relações “Abertas”

O objetivo da Hipótese 2 era verificar se a perceção do conflito é diferente entre quem assume Relações de Compromisso ou “Abertas”. A Tabela 7 mostra que o único resultado estatisticamente significativo foi encontrado na dimensão Conteúdo ($p=.02$), onde os jovens com “Relação Aberta” apresentaram níveis mais elevados da perceção de que conteúdo das discussões dos pais se relaciona com eles ($M= 2.24$, $dp= 1.23$). Apesar da tendência global ser a mesma, pois todos os jovens com “Relação Aberta” obtiveram resultados mais elevados em quase todas as dimensões avaliadas (excepto em Resolução), o único resultado estatisticamente significativo foi o supracitado.

Tabela 7. Comparação com o teste Mann-Whitney (M-W) da Perceção do Conflito pelo Tipo de Relação (compromisso/relação “aberta”)

Dimensão CPIC	Compromisso (n= 117)		Relação “Aberta” (n= 23)		M-W	p-valor
	<u>M</u>	<u>dp</u>	<u>M</u>	<u>dp</u>		
Frequência	2.84	1.26	3.10	1.34	1181.50	.36
Intensidade	3.27	1.15	3.46	1.17	1234.00	.46
Resolução	3.31	1.31	3.22	1.22	1436.00	.98
Conteúdo	1.67	0.86	2.24	1.23	1021.50	.02*
Perceção de ameaça	2.71	1.28	2.82	1.23	1249.00	.51
Eficácia	3.13	1.27	3.26	1.43	1267.50	.66
Culpa	1.61	0.93	1.97	1.26	1225.00	.47
Triangulação	1.99	1.16	2.29	1.16	1189.50	.31
Estabilidade	2.54	1.41	2.52	1.20	1337.00	.91

* $p<.05$

4.3. Perceção do Conflito e Duração da Relação

Na Hipótese 3, procurou-se medir se o tempo de duração da relação é diferente mediante a perceção do conflito. Para o efeito a variável “Tempo de duração relação” foi categorizada segundo duas normas: relações até 11 meses vs relações com pelo menos um ano; relações até um ano vs relações com mais de um ano. A Tabela 8 sumaria os resultados obtidos. Não obstante, o facto de na dimensão de Eficácia, em que quem tem um relacionamento há menos tempo apresentou um resultado ligeiramente inferior (embora apenas a comparação entre relações até 11 meses e relações com pelo menos um ano), a tendência global encontrada foi a de níveis mais baixos de perceção de conflito parental em quem tem relações mais duradouras. Em particular, na comparação entre relações até 11 meses e relações com pelo menos um ano os resultados apontam para diferenças estatisticamente significativas nas dimensões Frequência, Conteúdo e Perceção de Ameaça. Relativamente à comparação entre relações até um ano versus relações com mais de um ano os resultados estatisticamente

significativos situaram-se ao nível da Frequência, Intensidade e Triangulação.

Tabela 8. Comparação com o teste Mann-Whitney (M-W) da Perceção do Conflito pelo Tempo de Duração da Relação

Dimensão CPIC	Até 11 meses (n= 53)		Pelo menos 1 ano (n= 79)		M-W	p-valor
	<u>M</u>	<u>dp</u>	<u>M</u>	<u>dp</u>		
Frequência	3.19	1.22	2.75	1.33	1620.50	0.03*
Intensidade	3.54	1.16	3.16	1.15	1773.50	0.07
Resolução	3.44	1.33	3.25	1.26	2075.50	0.58
Conteúdo	2.05	1.15	1.51	0.65	1666.00	0.02*
Perceção de ameaça	2.98	1.18	2.62	1.33	1727.50	0.04*
Eficácia	3.20	1.34	3.17	1.25	2028.00	0.76
Culpa	1.83	1.13	1.49	0.86	1766.00	0.10
Triangulação	2.27	1.25	1.90	1.10	1809.00	0.09
Estabilidade	2.82	1.51	2.35	1.29	1764.50	0.09

Dimensão CPIC	Até 1 ano (n= 70)		Mais de 1 ano (n= 62)		M-W	p-valor
	<u>M</u>	<u>dp</u>	<u>M</u>	<u>dp</u>		
Frequência	3.18	1.24	2.63	1.31	1604.50	0.01*
Intensidade	3.53	1.14	3.08	1.17	1746.50	0.03*
Resolução	3.44	1.31	3.20	1.26	2067.00	0.37
Conteúdo	1.90	1.06	1.54	0.70	1844.50	0.07
Perceção de ameaça	2.91	1.23	2.59	1.32	1843.50	0.08
Eficácia	3.17	1.33	3.20	1.24	2151.00	0.93
Culpa	1.80	1.15	1.42	0.72	1789.00	0.06
Triangulação	2.32	1.29	1.74	0.94	1652.50	0.01*
Estabilidade	2.75	1.46	2.31	1.29	1826.00	0.09

*p<.05

4.4. Diferenças de Género na Perceção de Conflito, Motivação para a Relação e Satisfação com a Relação

Relativamente à Hipótese 4, onde se procurou verificar se a perceção do conflito, satisfação com a relação e motivação na relação se diferenciam de acordo com o género, os resultados (Tabela 9) apontam para perceção de conflito mais elevada ($p<.05$), nos jovens do sexo masculino, ao nível de Conteúdo ($M=1.96$, $dp=1.04$) e Culpa ($M=1.78$, $dp=0.95$). No que se refere à motivação no relacionamento os resultados sugerem maior Amotivação ($M=2.31$, $dp=1.57$) e Motivação Controlada ($M=2.13$, $dp=1.00$) nos jovens do sexo masculino ($p<.05$). Por fim, na satisfação com a relação não foram

encontradas diferenças significativas, embora pareça existir uma tendência de maior satisfação nas jovens.

Tabela 9. Comparação com o teste Mann-Whitney (M-W) da Percepção do Conflito pelo Tipo de Relação (compromisso/relação "aberta")

Dimensão	Masculino (n= 60)		Feminino (n= 88)		M-W	p-valor	
	M	dp	M	dp			
Frequência	2.94	1.21	2.85	1.35	2327.00	0.61	
Intensidade	3.30	0.97	3.31	1.27	2498.50	0.92	
Resolução	3.19	1.16	3.35	1.39	2452.50	0.53	
Conteúdo	1.96	1.04	1.61	0.85	2020.50	0.02*	
CPIC	Percepção de ameaça	2.78	1.28	2.70	1.26	2443.50	0.75
	Eficácia	3.02	1.09	3.23	1.40	2219.00	0.34
	Culpa	1.78	0.95	1.57	1.01	1994.50	0.04*
	Triangulação	2.22	1.18	1.91	1.14	2137.00	0.11
CMQ	Estabilidade	2.57	1.32	2.49	1.41	2351.50	0.60
	Amotivação	2.31	1.57	1.80	1.28	1947.00	0.01*
	Motivação Controlada	2.93	1.32	2.13	1.00	1623.00	0.01*
RRF	Motivação Autônoma	4.82	1.14	4.65	1.13	2416.00	0.51
	Paixão	7.46	1.25	7.47	1.37	2464.50	0.73
	Confiança	7.48	1.15	7.55	1.53	2201.50	0.16
	Conflitos	6.80	1.76	7.23	1.38	2282.50	0.28
	Intimidade	7.33	1.16	7.50	1.22	2230.50	0.20

*p<.05; ^amedido sob o ponto de vista de relação saudável

4.5. Diferenças de Género no Compromisso, Duração e Expectativas de Duração da Relação

A Hipótese 5 procurou medir a associação do género com o compromisso na relação, expectativas e duração da relação. No que se refere à associação com o compromisso na relação (Tabela 10), o teste Qui-quadrado não comprovou a existência de qualquer relação ($p=.38$), sugerindo que o compromisso tem a mesma importância para jovens do sexo masculino e feminino.

Tabela 10. Associação entre Género e Compromisso na Relação

Género	Compromisso	Relação aberta	Qui-quadrado (p-valor)
Masculino	52 (86.7%)	8 (13.3%)	.38
Feminino	69 (81.2%)	16 (18.8%)	

Quanto à associação do género com as Expectativas da Relação (Tabela 11) não foram encontrados resultados significativos ($p=.78$), o que se comprova pela proximidade entre as percentagens dos jovens do género

masculino e feminino.

Tabela 11. Associação entre Gênero e Expectativas da Relação

Expectativas de Tempo de Relação	Masculino	Feminino	Qui-quadrado (p-valor)
Apenas algumas semanas	2 (3.6%)	0 (0.0%)	.78 ^a
Apenas alguns meses	7 (12.7%)	8 (9.5%)	
De 1 a 3 anos	4 (7.3%)	10 (11.9%)	
De 3 a 5 anos	0 (0.0%)	1 (1.2%)	
De 7 a 9 anos	0 (0.0%)	2 (2.4%)	
De 9 a 10 anos	0 (0.0%)	1 (1.2%)	
Mais de 10 anos	2 (3.6%)	0 (0.0%)	
Mais de 20 anos	2 (3.6%)	1 (1.2%)	
"Para sempre"	27 (49.1%)	43 (51.2%)	
Outra	11 (20.0%)	18 (21.4%)	

^aCalculado de acordo com a correção de associação linear devido ao incumprimento do pressuposto do número mínimo de 20% de células com $n < 5$

Ainda nesta hipótese, no que se refere à comparação do tempo de relação em anos, por gênero, os resultados apontam para valores próximos entre jovens do sexo masculino ($M = 1.82$, $dp = 1.70$) e feminino ($M = 2.16$, $dp = 2.02$), com ausência de diferenças significativas medidas pelo teste Mann-Whitney ($M-W = 2066.50$, $p = .51$).

4.6. Relação entre Percepção de Conflito e Expectativas de Duração da Relação

A sexta e última Hipótese que teve como objetivo comprovar a existência de uma relação entre a Percepção do conflito e as Expectativas da Relação encontrou resultados significativos ao nível da Frequência ($\rho = -.19$, $p < .05$), Conteúdo ($\rho = -.24$, $p < .05$), Culpa ($\rho = -.25$, $p < .05$) e Triangulação ($\rho = -.22$, $p < .05$). Estes resultados sugerem que a maior percepção de conflito nestas dimensões está relacionada com expectativas de duração mais reduzidas na relação atual.

Tabela 12. Correlação de Spearman entre a Percepção de Conflito e Expectativas de Duração da Relação

Correlação de Spearman	
CPIC	Expectativas de duração da relação atual
Frequência	-.19*
Intensidade	-.16
Resolução	-.13
Conteúdo	-.24*
Percepção de ameaça	-.08

Eficácia	-12
Culpa	-.25**
Triangulação	-.22*
Estabilidade	-.17

V. Discussão

A literatura existente sobre o impacto do conflito interparental nos filhos do casal é consensual - as características do conflito têm um papel fundamental na organização da vida mental dos mesmos, tanto na infância como na adultícia (Raposo *et al.*, 2010; Kinsfogel & Grych 2004, cit. por Shulman *et al.*, 2012; Sturge-Apple, *et al.*, 2012; Unger, Brown *et al.*, 2000; Benetti, 2006; Davies & Cummings, 2006 cit. por Cui *et al.*, 2011; Grych & Fincham, 1990; Grych *et al.*, 2003); Grych *et al.*, 1992); Turner & Kopiec, 2006; Luecken & Appelhans, 2005; Riggio, 2004; Riggio & Valenzuela, 2011 cit. por Jorge, 2013; Melo, 2012; Kapinus, 2005; Dumas, Margolin, & John, 1994; Kalmuss, 1984, Murphy, Meyer, & O'Leary, 1993, Riggs & O'Leary, 1996, Amato, 1996; Jacquet & Surra, 2001; Caspi & Elder, 1988, Sanders *et al.*, 1999, Kinsfogel & Grych, 2004; Walper, Kruse, Noack, & Shwarz, 2005; Amato & Afifi, 2006).

Com o presente estudo, através de uma análise correlacional, comparativa e associativa, pretendeu-se corroborar o impacto negativo do conflito interparental nas relações amorosas dos jovens adultos na satisfação com o relacionamento e nas motivações que os levam a permanecer nele, bem como na duração, compromisso e expectativas de duração do relacionamento.

O mundo externo dos indivíduos é construído a partir de aspetos objetivos, de expectativas baseadas em experiências passadas (lembranças) e de processos fantasmáticos inconscientes, e são incessantes as comunicações em duplo sentido que se processam através dos vínculos emocionais que enlaçam o percurso individual no coletivo, e nas suas representações fantasmáticas. Por sua vez, a percepção e integração deste mundo exterior resulta de uma dramatização interior (Oliveira & Paixão, 1998.) Desta dramatização interior emerge a formação de conceitos e posições relativamente às relações mais próximas, primeiro, nas relações de pares, e, mais tarde, nas relações amorosas.

Por sua vez, as interações proporcionadas pelas relações amorosas desempenham uma função poderosa na promoção do bem-estar dos indivíduos (Laurenceau, Rivera, Schaffer & Pietromonaco, 2004; Reis, 2006). A forma como estes relacionamentos se desenvolvem tem sido

comparada ao que acontece no processo de vinculação entre a criança e o(s) seu(s) cuidador(es) (Bowlby, 1973, 1982 cit. por Collins & Feeney, 2013; Brumbaugh & Fraley, 2006; Shaver & Hazan 1988; Mikulincer & Shaver, 2007). Substanciando os dados da literatura, evidencia-se que é nesta interação entre pais e filhos que se formam modelos representacionais que servem como protótipos para as relações futuras (Bowlby, 1977 cit. por Henry & Holmes, 1998; Hazan & Zeifman, 1994 cit. por Pascuzzo, Cyr & Moss, 2013).

A primeira hipótese do estudo, que visava verificar se a percepção do conflito, satisfação com a relação e motivação na relação se relacionavam reciprocamente - de modo a entender se a percepção do conflito afetava negativamente a satisfação e a motivação para estar na relação - revelou que os indivíduos que se perceberam maiores níveis de conflito interparesntal se sentiam menos motivados para estar na relação. Especificamente, os que se sentiam mais culpados pelo conflito, mais envolvidos nos assuntos do mesmo, sentindo-se também mais triangulados (sendo-lhes pedido que tomassem uma posição, a favor do pai ou da mãe) sentem uma motivação menos autónoma para estar no relacionamento.

As regulações menos autónomas, ou seja, mais externas, podem sugerir que os indivíduos apresentam um comportamento tendencialmente instrumental, cuja ação se destina a produzir um resultado desejado que é separado da atividade em si. Alguns exemplos de comportamentos deste género, nas relações amorosas, refletem-se em situações em que as pessoas passam tempo com o parceiro, para obter favores, ou para evitar a raiva ou provocação do parceiro. De igual modo, nestes casos, o comportamento é internamente regulado por pressões intrapsíquicas para manter a auto-estima, ou evitar a culpa - nestas situações, geralmente o valor/pressão intrapsíquica não é pessoalmente aprovado ou “próprio”, e comportamento é experienciado como controlado - e também quando os indivíduos passam tempo com o seu companheiro porque se sentem nessa obrigação e sentir-se-iam culpados se não preenchessem o seu papel de ser “bons na relação”; quando passam tempo com o seu parceiro porque as interações servem alguns valores pessoais aceites, como aumentar a intimidade ou partilhar experiências; quando o valor servido por um comportamento particular é integrado com outros valores ou objetivos do *self* e o comportamento encaixa coerentemente com outros aspetos importantes *do self* (sendo esta a forma mais autónoma da motivação extrínseca, pois envolve a experiência de agir em conformidade com uma integrada organização de objetivos e valores pessoais) (Gaine & La Guardia, 2009).

A mesma tendência negativa, embora com menor intensidade, surgiu em relação a indivíduos que, sentindo-se mais triangulados no conflito, tinham uma motivação mais controlada para estar na relação. Especificamente, no contexto das relações amorosas, a pesquisa demonstra que maior autonomia relativa é associada com uma comunicação mais aberta, melhor facilidade na resolução de conflitos, bem como mais felicidade no casal (Blais *et al.* 1990; Knee, Lonsbary, Canevello & Patrick 2005).

Relativamente à relação da percepção do conflito com a qualidade das relações, a hipótese proposta foi também confirmada, enfatizando as conclusões dos estudos de Cui *et al.* (2008), Shulman *et al.* (2012) e Simon e Furman (2010), sobre o facto de o conflito interparental impactar fortemente nos vividos das relações amorosas dos jovens adultos, em especial nos próprios comportamentos conflituosos dentro dos relacionamentos, baixando a qualidade da relação. Assim, de acordo com Oliveira & Paixão (1998), poder-se-á interpretar este impacto, partindo do princípio que, de um ponto de vista psicodinâmico, é possível explicar a sucessão de acontecimentos que integra a influencia das interações parentais na realidade dos filhos. Na realidade psíquica, sentem-se e diluem-se emoções que permitem transformar os relacionamentos do sujeito com os sistemas circundantes. Esta realidade é povoada de personagens mentais ou psíquicas, que não são mais do que experiências ou fantasias inconscientes de um objeto concreto que ocupa um lugar no interior do Eu - o Objeto Interno - que possui motivos e intenções próprias para com o Eu e outros objectos, quer internos, quer externos.

Neste estudo, comprovou-se que ao nível da dimensão Conflitos (que representa a ausência ou eficácia na resolução destes), os indivíduos que se percecionavam menos envolvidos nos assuntos dos conflitos, menos culpados por estes acontecerem e menos triangulados, indicaram uma maior ausência e resolução eficaz dos conflitos existentes na relação.

Outros resultados revelaram uma tendência, embora com menor expressão: Os indivíduos que percecionaram os conflitos dos pais como muito frequentes e que se sentiam culpados pelos mesmos, revelaram sentir-se menos íntimos com os parceiros, à semelhança dos estudos de Delevi *et al.*, (2012) e Toomey e Nelson (2001) que comprovaram que maiores níveis de conflito interparental afetavam a intimidade nos relacionamentos. Aqueles que apontaram como muito frequentes os conflitos dos pais, demonstraram menos confiança nas suas relações - o que reitera as conclusões de dois estudos realizados em Portugal, que demonstram indivíduos que manifestam bem-estar psicológico expresso por níveis elevados de felicidade, evidenciam o desenvolvimento de relações amorosas saudáveis, pautadas pela confiança (Melo, 2012; Jorge, 2013) - e os que se sentiam implicados no conteúdo das discussões revelaram sentir-se menos apaixonados pelo parceiro. Os casais mais insatisfeitos denotam nos seus parceiros características negativas, sendo as positivas relativamente inexistentes, notando-se a predominância de um padrão comunicacional disfuncional, sistematizado por críticas, queixas, hostilidade e dificuldades na resolução de problemas (Fincham & Beach, 2006). Os autores alertam também para uma problemática bastante comum nas relações pautadas pela insatisfação - as crenças irrealistas. Tome-se como exemplo os casais que insistem em pensar que os parceiros não vão mudar, ou que esperam que os parceiros consigam “ler a sua mente”.

A relação da motivação com a qualidade/satisfação na relação deu uma maior coerência às conclusões do estudo - quanto mais amotivados nas relações se sentiam os sujeitos, menos qualidade tinham as relações onde se

encontravam, nos antípodas dos indivíduos mais autonomamente motivados, que revelaram sentir-se mais satisfeitos com a relação. Por fim, uma motivação mais controlada foi relacionada com uma maior frequência e pior resolução de conflitos no relacionamento amoroso.

As diferenças relativas ao género na percepção do conflito, na satisfação e motivação para a relação também se manifestaram, respondendo à quarta hipótese do estudo. Os dados sugerem que os jovens do sexo masculino, globalmente percebem níveis mais altos de conflito, sobretudo, sentindo-se mais culpados e envolvidos nos assuntos do conflito, ao contrário das jovens, e ainda, em contraponto aos estudos de Herzog e Cooney (2002) e Henry e Holmes (1998). Os rapazes parecem também encontrar-se mais amotivados, ou com formas menos autónomas de motivação para a relação. No que diz respeito ao sexo feminino, as raparigas parecem encontrar-se tendencialmente mais satisfeitas com as relações do que os rapazes.

Um olhar pela literatura que defende a ligação da motivação autónoma a maiores níveis de satisfação/qualidade nas relações amorosas evidencia a pertinência deste tipo de motivação para a promoção do bem-estar individual e relacional. A teoria da auto determinação propõe que as pessoas possuem uma necessidade inata de se reconhecerem como origem ou fonte do seu próprio comportamento (deCharms, 1968; Deci, 1975). A autonomia é experienciada pelos indivíduos quando estes entendem o seu comportamento como sendo volitivo mais do que conduzido por controlo externo. A motivação para o comportamento tem sido conceptualizada e medida como uma tendência disposicional ou uma orientação específica – contextual e a Teoria da Auto Determinação (Deci & Ryan, 2000) organiza estas disposições motivacionais ou orientações : o comportamento é caracterizado como sendo relativamente autónomo ou volitivo versus controlado.

Quando a autonomia e o controlo são avaliados como orientações de personalidade gerais, relativamente à auto-regulação, ou a orientações motivacionais gerais, comprometendo-se com domínios específicos da vida (e.g., educação, relações próximas, comportamento de saúde), quanto mais as pessoas se sentem autónomas, melhor o seu bem-estar e mais positivamente estas funcionam nesses domínios. Quando as pessoas se sentem mais controladas no seu comportamento, mais baixo será o bem-estar e mais pobre o seu funcionamento (Deci & Ryan, 2000).

Como já foi demonstrado, no domínio das relações amorosas, as motivações globais para manter um relacionamento podem ser diferentes das suas motivações para se envolverem nas atividades da relação. Também, as pessoas podem estar dispostas a manter-se na relação, mas podem estar diferentemente motivadas para as distintas atividades que uma relação implica, querendo envolver-se em algumas, porém, envolvendo-se noutras apenas porque se sentem pressionadas ou obrigadas a fazê-lo.

A literatura demonstra que quanto mais as pessoas são autónomas, melhor é o seu bem-estar pessoal, marcado por uma melhor satisfação com a vida e mais vitalidade, e mais e mais segura auto-estima, bem como um risco

menor para a depressão, ansiedade e sintomas físicos (Deci & Ryan, 2002; Ryan & Deci, 2001; Kernis and Paradise, 2002, cit. por Gaine & La Guardia, 2009). Uma melhor autonomia está também relacionada com um funcionamento interpessoal positivo e interações sociais mais honestas (Hodgins, Koestner & Duncan, 1996).

Em suma, uma maior autonomia é globalmente associada com maior abertura e flexibilidade nas relações amorosas, enquanto que sentir-se mais controlado nas decisões é relacionado com uma aproximação mais fechada e evitante e menos positiva com o conflito (Gaine & La Guardia, 2009), como o que descreve Kapinus (2005), referindo-se ao comportamento dos jovens adultos quando determinam deixar um relacionamento menos satisfatório, em vez de trabalhar sobre a relação, baseando-se nas consequências do seu comportamento ou dos seus pais.

A segunda hipótese do estudo também foi evidenciada. De facto, os indivíduos menos comprometidos nos relacionamentos, definindo-os como “relações abertas”, percecionaram níveis mais elevados de conflito (à exceção da dimensão “resolução”), e de forma significativa aqueles que mais envolvidos nos conteúdos dos conflitos dos pais se sentiam. Este resultado difere do encontrado no estudo de Jorge (2013), em que se demonstrou que o conflito interparental não se encontrava relacionado com o compromisso. Levinger, (1979 cit. por Fincham, Stanley & Beach, 2007) aponta para o facto do nível de compromisso dos indivíduos nas relações amorosas ser um aspecto que se integra na dimensão de estabilidade ou manutenção relacional, permitindo que dois indivíduos se transformem num “nós”.

Quando se procurou perceber se o tempo do relacionamento era diferente mediante a perceção do conflito, foi comprovada a terceira hipótese do estudo – os indivíduos com relações mais duradouras percecionaram níveis inferiores de conflito interparental. Os sujeitos que percecionaram uma maior frequência nos conflitos dos pais, se sentiam mais envolvidos nos assuntos dos conflitos e se sentiam mais ameaçados aquando do conflito, encontravam-se em relações que duravam há menos tempo. Os indivíduos que se encontravam em relações há mais de um ano percecionaram menos frequência e intensidade nos conflitos dos pais, bem como não se sentiam pressionados a tomar um lado em relação aos pais, ao contrário daqueles que se encontravam em relações até um ano de duração.

A última hipótese do estudo, que previa uma relação entre a perceção do conflito e as expectativas da relação, demonstrou ser certa – os jovens que sentem que os pais entram em conflito mais vezes, e que se sentem mais envolvidos nos conteúdos do conflito, mais culpados por este acontecer e mais triangulados nas interações com os pais, avaliam que as suas relações irão durar menos tempo do que os indivíduos que percecionam menores níveis de conflito.

Analisando e sintetizando o presente trabalho, ressaltam as principais razões pelas quais os indivíduos da amostra em questão se sentem menos satisfeitos e menos autonomamente motivados para os seus relacionamentos amorosos: os sentimentos de culpa, de envolvimento nos

conteúdos do conflito dos pais e da noção de que têm de tomar um lado da discussão, do pai, ou da mãe (triangulação). Por outras palavras, a influência negativa na satisfação e motivação para estar nos relacionamentos parece ser desencadeada por uma noção de que o locus de controlo da problemática dos conflitos dos pais é interno, ou seja, quando estes se sentem-se responsáveis, numa larga escala, pela existência e permanência do conflito.

Estes resultados parecem não deturpar a consideração de que a relação se impõe como a base de todo o desenvolvimento, do mesmo modo que se poderá insurgir como a fonte potencial de conflito. Regressando à infância, Sá (2009), explica o conceito de triangulação como a interactividade do bebé com pelo menos duas pessoas que lhe solicitam vários ritmos e diversos momentos identificatórios. “Sempre que há triangulação há identificação, sendo a triangulação que funda o self e através das identificações cria um “aparelho de pensar”. Se há pelo menos duas pessoas que se adequam ao ritmo do bebé e o expandem, as identificações transformam a pulsão em líbido (que é o resultado da presença de objectos internos, de pessoas, no nosso crescimento): o amor de objecto é sempre uma triangulação.”

Porém, quando neste estudo se fala num sentimento de triangulação (medido pelo instrumento que avalia a perceção de conflito interparental), este parece assemelhar-se substancialmente ao conceito de *triangulação objectal dolorosa*, que é definida num diagnóstico dinâmico como uma suposição da presença de pelo menos dois objetos internos de compatibilização, por vezes, difícil, e que desencadeia conflitos, ainda que, possa trazer, simultaneamente, recursos vitais ao psiquismo (Sá, 2009). Porém, quando os pais, aquando do conflito interparental, não são capazes de mobilizar os recursos da relação em direção a uma resolução eficaz, dá-se uma falha da função estruturante que repõe a homeostasia familiar, afetando o mundo psíquico interior dos jovens, que determina a forma como percecionam e lidam com o mundo exterior, e portanto, os seus relacionamentos. A este respeito, Sá (2009), defende de modo enfático, que “Coabitem ou não os seus diversos membros, uma família, para ser família, tem de ser estruturante. Doutra modo, nunca será uma família (pp.203).”

VI. Conclusões

Assim, e de acordo com esta convergência de ideias, os resultados do presente estudo, reforçados pelos estudos anteriores, sugerem que se está próximo de afirmar que o conflito, sobretudo quando afeta a regulação parental, influencia a perceção dos indivíduos sobre as suas relações amorosas. As relações amorosas destes jovens são mediadas pelas identificações a ponto de, sem terem consciência, se desencadear a transgeracionalidade.

No tocante às limitações do presente estudo, destacam-se questões metodológicas ao nível da amostra, dos instrumentos utilizados e do método de recolha de dados, que poderão ter enviesado muitos dos resultados obtidos sobretudo a respeito de estes não se revelarem significativos. Em

respeito à amostra, esta foi obtida segundo um critério de conveniência do tipo “bola-de-neve”, podendo ter afetado a sua representatividade; também a heterogeneidade na sua constituição bem como a desproporção entre o número de participantes do sexo masculino e do sexo feminino poderão ter contribuído para essa limitação.

Relativamente aos instrumentos, todos os utilizados no estudo em questão tinham um formato de auto-resposta. A acrescer a este facto, a grande maioria dos dados foram obtidos através de um formulário online. Esta escolha metodológica traz vantagens reconhecidas, como a ecologia e economia de tempo na recolha dos dados, porém, poderão ocorrer situações em que os sujeitos respondam ao acaso, bem como desistências. Também a validade facial ficou comprometida. Quanto à possibilidade de tirar eventuais dúvidas sobre o estudo e os instrumentos, em contacto presencial, o acto tornou-se viável; no caso dos formulários online, tentou-se contornar o problema fornecendo o contacto da investigadora. Contudo, um contacto da parte dos sujeitos acabaria por quebrar o anonimato dos mesmos através da identificação pelo endereço eletrónico.

Uma das questões que revelou ser determinante na adesão dos sujeitos aos questionários foi a sensibilidade quer à temática do conflito interparental, quer à temática dos relacionamentos amorosos. Sobretudo em relação a este último tema, os sujeitos revelaram achar o conteúdo das questões demasiado íntimo e fraturante, fazendo-os refletir sobre as relações amorosas em que se encontravam. Este facto é relevante na medida em que poderá ter causado enviesamentos nas respostas. Também é de destacar a natureza retrospectiva das respostas em todos os questionários, em especial nos correspondentes à temática das relações amorosas, pois alguns indivíduos podem ter respondido relativamente à última relação em que se encontraram, aumentando assim a probabilidade de enviesamento das respostas por questões mnésicas (*e.g.*, distorções de informação devido à passagem do tempo). Para colmatar esta limitação, futuramente, seria profícuo controlar o fator tempo decorrido desde o término do relacionamento.

Em relação, tanto ao questionário que avalia as motivações para permanecer nos relacionamentos amorosos (CMQ, Moreira, Mader, & Monteiro, 2010, Blais, Sabourin, Boucher, & Vallerand, 1990) como ao que avalia a satisfação/qualidade dos relacionamentos (R.R.F, Lind, W., 2007, Davis, 1996), estes beneficiariam de um estudo mais específico e detalhado sobre as suas propriedades psicométricas. Mais importante, o primeiro instrumento mencionado (CMQ) necessita de uma validação representativa para a população portuguesa. No presente estudo foram usadas as três dimensões mais abrangentes do instrumento (Motivação Autónoma, Motivação Controlada e Amotivação). Após uma validação do instrumento para a população portuguesa, seria mais rigoroso utilizar as dimensões mais específicas usadas nos primeiros estudos.

É de assinalar que seria pertinente estudar comparativamente os efeitos do conflito interparental em filhos de pais juntos e separados. O facto da amostra de 37 indivíduos filhos de pais separados no presente estudo ser

excessivamente heterógena (sobretudo relativamente ao género) excluiu a possibilidade de efetuar uma análise válida em termos de representatividade. Com efeito, o prosseguimento de investigações com filhos de pais com o estatuto conjugal mencionado revela-se de igual modo valioso para a prática clínica. São vários os estudos que verificam uma influência do conflito interparental nas relações amorosas em filhos de pais divorciados (Heffernan, 2013; Cui & Fincham, 2010; Sumner, 2013; Cavanagh, Crissey, Raley, 2008, Shulman, Zlotnik, Shachar-Shapira, Connolly, & Bohr, 2012; Schaick, & Stolberg, 2001; Heifetz, Connolly, Pepler, & Craig, 2010; Ivanova, Mills & Veenstra, 2011; Jacquet & Surra, 2001; Herzog & Cooney, 2002).

Este tipo de estudos é essencial para uma melhor compreensão do impacto do ato de rutura da relação, dado que corre o risco de servir de modelo para as relações amorosas dos filhos. Os filhos cujos pais se divorciam parecem manifestar uma maior preocupação relativamente às suas relações amorosas, dado que o modelo conjugal que tinham como referência falhou (Cano, Gabarra, Moré, & Crepaldi, 2009). Summers *et al.* (1998) mencionam que quando o divórcio parental coincide com o período de adolescência dos filhos, e estes se encontram envolvidos em relações amorosas, estas relações podem ser percecionadas como pouco seguras, comprometendo a qualidade e continuidade das mesmas, uma vez que o padrão de referência da relação dos pais falha; Num estudo de Fonseca (2008), cujo objetivo se prendeu com a análise do compromisso e confiança nas relações íntimas dos jovens adultos (entre os 18 e 25 anos), filhos de pais separados, os resultados revelaram que quanto mais velho fosse o indivíduo, na altura da separação dos pais, menor confiança parecia depositar no parceiro amoroso. Amato & DeBoer (2001) e Cui *et al.* (2011), explicam que o divórcio é comumente precedido por níveis mais elevados de conflito interparental e instabilidade, podendo isto traduzir-se numa avaliação e interpretação por parte dos filhos do significado desse conflito como mais adverso para o seu bem-estar.

Uma verdadeira *escuta* do indivíduo pressupõe não apenas uma observação das relações do indivíduo consigo próprio, mas também da vinculação com os sistemas onde inevitavelmente se posiciona (Oliveira & Paixão, 1998).

Em consonância com esta suposição, os objetivos do presente estudo foram criados com o intuito de sobrelevar a importância da continuidade de estudos mais completos em torno dos efeitos dos conflitos interparentais, de modo a que se vá construindo não só uma prática clínica mais rigorosa e focada na intervenção na perceção que os filhos têm no conflito dos pais e na maneira como esta contamina a compreensão da relação amorosa, como também programas de intervenção e prevenção. Tanto populações normais como clínicas beneficiariam de um apoio pedagógico promotor de um desenvolvimento de estratégias de *coping* para lidar cognições negativas, perceções e medos que as diferenças a nível conjugal e amoroso impulsionam.

Bibliografia

Afifi, T., & Coho, A. (2009) Adolescents' Physiological Reactions to Their Parents' Negative Disclosures About the Other Parent in Divorced and Nondivorced Families. *Journal of Divorce & Remarriage*, 50 (pp.517–540)

Amato, P., & Afifi, T. (2006). Feeling caught between parents: adult children's relations with parents and subjective well-being. *Journal of Marriage and Family*, 68, (pp.222-235).

Amato, P. & Booth, A. (1991). Parental Divorce, Marital Conflict, and Offspring Well-Being During Early Adulthood. *Social Forces*, 73 (3) (pp.895-915)

Amato, P. & Booth, A. (1996). A Prospective Study of Divorce and Parent-Child Relationships. *Journal of Marriage and The Family*, 58 (2) (pp.356-365)

Amato, P. R., & DeBoer, D. D. (2001). The transmission of marital instability across generations: Relationship skills or commitment to marriage?. *Journal of Marriage and Family*, 63 (4), (pp.1038-1051)

Amato, P., Kane, J., & James, S. (2011) Reconsidering the “Good Divorce”. *Family Relations*, 60 (pp.511 – 524)

Amato, P.R., Loomis, L., & Booth, A. (1995). Parental divorce, marital conflict, and offspring well-being during early adulthood. *Social Forces*, 73 (3), (pp.895-915)

Altenhofen, S., Sutherland, K., & Biringen, Z. (2010). Families Experiencing Divorce: Age at Onset of Overnight Stays, Conflict, and Emotional Availability as Predictors of Child Attachment. *Journal of Divorce & Remarriage*, 51 (pp.141–156)

Auslander, B., Short, M., Succop, P., & Rosenthal, S. (2009) Associations Between Parenting Behaviors and Adolescent Romantic Relationships. *Journal of Adolescent Health*, 45 (pp.98–101)

Bartell, D. S. (2006). Influence of parental divorce on romantic relationships in young adulthood: A cognitive-developmental perspective. In Fine, M. A., & Harvey, J. H. (Eds.), *Handbook of divorce and relationship dissolution* (pp. 339-360). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.

Benetti, S. (2006). Conflito conjugal: Impacto no desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente. *Psicologia: Reflexão e Crítica*,

19(2), (pp.261-268)

Bion, W. (1961) Experiências com grupos. Os fundamentos da psicoterapia de grupo.

Blais, M. R., Sabourin, S., Boucher, C., & Vallerand, R. J. (1990). Toward a motivational model of couple happiness. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59 (pp.1021-1031)

Bradford, K., Vaughn, L. B., & Barber, B. K. (2008). When there is conflict: Interparental conflict, parent-child conflict, and youth problem behaviors. *Journal of Family Issues*, 29 (6) (pp.780-805)

Bragado, C., Bersabé, R., & Carrasco, I. (1999). Factores de riesgo para los trastornos conductuales, de ansiedad, depresivos y de eliminación en niños e adolescentes. *Psicothema*, 11(4) (pp.939-956).

Brumbaugh, C. C., & Fraley, R. C. (2006). The evolution of attachment in romantic relationships. In Mikulincer, M., & Goodman, G. S. (Eds.), *Dynamics of Romantic Love: attachment, caregiving, and sex* (pp. 71-101). New York: The Guilford Press.

Cano, D., Gabarra, L., Moré, C., & Crepaldi, M. (2009). As transições familiares do divórcio ao recasamento no contexto Brasileiro. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(2) (pp.214-222)

Cavanagh, S., Crissey, S., Raley, R. (2008). Family Structure History and Adolescent Romance. *Journal of Marriage and Family*, 70 (pp.698-714)

Collins, N. L., & Feeney, B. C. (2013). Attachment and caregiving in adult close relationships: normative processes and individual differences. *Attachment & Human Development*.

Collins, W., Welsh, D. & Furman, W. (2009) Adolescent Romantic Relationships. *The Annual Review of Psychology*, 60 (pp. 631-652)

Cui, M., Fincham, F. (2010), The differential effects of parental divorce and marital conflict on young adult romantic relationships. *Personal Relationships*, 17 (pp.331-343)

Cui, M., Fincham, F. (2011), Romantic Relationships in Emerging Adulthood. *Cambridge University Press*.

Cui, M., Fincham, F. D., & Durtschi, J. A. (2011). The effect of parental divorce on young adults' romantic relationship dissolution: What makes a difference?. *Personal Relationships*, 18 (3) (pp.410-426)

Cui, M., Fincham, F. & Pasley, B. (2008). Young Adult Romantic Relationships: The Role of Parents' Marital Problems and Relationship Efficacy. *Society for Personality and Social Psychology*, 34 (9) (pp.1226-1235)

Cummings, E., Goeck-Morey, M., & Papp, L. (2004). Everyday marital conflict and child aggression. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 32(2) (pp.191-202)

Cusimano, A. M., & Riggs, S. A. (2013). Perceptions of interparental conflict, romantic attachment, and psychological distress in college students. *Couple and Family Psychology: Research and Practice*, 2 (1) (pp.45-59)

Davis, K. E., Kirkpatrick, L. A., Levy, M. B., & O'Hearn, R. E. (1994). Stalking the elusive lovestyle: Attachment styles, lovestyles, and the prediction of relationship outcomes (pp. 179-210). In R. Erber & R. Gilmour (Eds.), *Theoretical frameworks for personal relationships*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

deCharms, R. (1968). *Personal causation: The internal affective determinants of behavior*. New York: Academic Press.

Deci, E. L. (1975). *Intrinsic motivation*. New York: Plenum.

Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2000). The “what” and “why” of goal pursuits: Human needs and the self-determination of behavior. *Psychological Inquiry*, 11 (pp.227–268)

Delevi, R., Cornille, T. & Cui, M. (2012) Does Positivity Matter? The Impact of Interparental Interactions on Young Adult Conflict Management. *Contemp Fam Ther*, 34 (pp.124–140)

Doumas, D., Margolin, G. & Richard, J. (1994). The Intergenerational Transmission of Aggression Across Three Generations. *Journal of Family Violence*, 9 (2) (pp. 157-175)

Everitt, B.S. (2002). *The Cambridge Dictionary of Statistics (2nd Edition)*. Cambridge: CUP.

Field, A., (2005). *Discovering Statistics Using SPSS (2nd ed)*. London: Sage. IBM Corporation (2013). *IBM SPSS Statistics for Windows, Version 22.0*. Armonk, NY: IBM Corporation.

Fincham, F. D., & Beach, S. R. H. (2006). Relationship satisfaction. In Vangelisti, A. L., & Perlman, D. (Eds.), *The Cambridge Handbook of Personal Relationships* (pp. 579-594). New York: Cambridge University

Press.

Fincham, F. D., Stanley, S. M., & Beach, S. R. H. (2007). Transformative processes in marriage: An analysis of emerging trends. *Journal of Marriage and Family*, 69 (2) (pp. 275-292)

Gaine, G. S., & La Guardia, J. G. (2007). Differentiating motivations for relational activities within romantic relationships. Unpublished manuscript, University of Waterloo.

Gaine, G. S., & La Guardia, J. G. (2009). The unique contributions of motivations to maintain a relationship and motivations toward relational activities to relationship well-being. *Motivation & Emotion*, 33 (pp.184-202)

García, V., Marín, I., & Currea, F. (2006). Relaciones maritales, relaciones paternas y su influencia en el ajuste psicológico de los hijos. *Acta Colombiana de Psicología*, 9(2) (pp.115-126)

Churchill, G.A. (1979). A paradigm for developing better measures of marketing constructs. *Journal of Marketing Research*, 16, 64-73.

Comrey, A. L. & Lee, H. B. (1992). *A First Course in Factor Analysis* (2nd ed.). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Grych, J., & Fincham, F. (1990). Marital conflict and children's adjustment: a cognitive contextual framework. *Psychological Bulletin*, 108(2), (pp.267-290)

Grych, J., Harold, G.T & Miles, C.J. (2003) A Prospective Investigation of Appraisals as Mediators of the Link Between Interparental Conflict and Child Adjustment. *Child Development*, 74 (4) (pp.1176–1193) Review, 34 (pp.1042–1049)

Grych, J., Seid, M. & Fincham, F. (1992). Assessing marital conflict from the child's perspective: The Children's Perception of Interparental Conflict Scale. *Child Development*, 63 (pp.558-572)

Heifetz, M., Connolly, J., Pepler, D., & Craig, W. (2010). Family Divorce and Romantic Relationships in Early Adolescence. *Journal of Divorce & Remarriage*, 51 (pp.366–378)

Heffernan, M. (2013) Attachment and Parental Divorce: A Test of the Diffusion and Sensitive Period Hypotheses. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 39 (9) (pp.1199–1213)

Henry, K., & Holmes, J. G. (1998). Childhood revisited: The intimate relationships of individuals from divorced and conflict-ridden families. In Simpson, J. A. & Rholes, W. S. (Eds.), *Attachment Theory and Close Relationships* (pp. 280-316). New York: The Guilford Press.

Herzog, M & Cooney, T. (2002) Parental Divorce and Perceptions of Past Interparental Conflict. *Journal of Divorce & Remarriage*, 36 (3-4) (pp.89-109)

Hodgins, H., Koestner, R., & Duncan, N. (1996). On the compatibility of autonomy and relatedness. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 22 (pp.227–237)

Ivanova, K., Mills., Veenstra, R.(2011) The Initiation of Dating in Adolescence: The Effect of Parental Divorce The Trails Study. *Journal Of Research On Adolescence*, 21(4) (pp.769 – 775)

Jacquet, S. & Surra, C. (2001). Parental Divorce and Premarital Couples: Commitment and Other Relationship Characteristics. *Journal of Marriage and Family*, 63 (pp. 627–638)

Jorge, A. (2013). Efeitos do Conflito Interparental na Relação de Namoro de Jovens Adultos. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde. Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa.

Kapinus, C. (2005). The Effect Of Parental Marital Quality On Young Adults' Attitudes Toward Divorce. *Sociological Perspectives*, 48 (3) (pp. 319–335)

Knee, C. R., Lonsbary, C., Canevello, A., & Patrick, H. (2005). Selfdetermination and conflict in romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 89 (pp. 997–1009)

Knee, C. R., Patrick, H., Vietor, N. A., Nanayakkara, A., & Neighbors, C. (2002). Self-determination as growth motivation in romantic relationships. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 28 (pp. 609–619)

Koblinsky, S., Kuvalanka, K. & Randolph. (2006). Social Skills and Behavior Problems of Urban, African American Preschoolers: Role of Parenting Practices, Family Conflict and Maternal Depression. *American Journal of Orthopsychiatry*, 26 (4), (pp.554-563)

La Guardia, J. G. (2007). On the role of psychological needs in healthy functioning: Integrating a Self-determination theory perspective with

traditional relationship theories. In J. V. Wood, A. Tesser, & J. Holmes (Eds.), *Self and Relationships* (pp. 27-48). New York: Psychology Press.

La Guardia, J. G., & Patrick, H. (2008) Self-determinant theory as a fundamental theory of close relationships. *Canadian Psychology Association*, 49 (3) (pp. 201-209)

Laurenceau, J. P., Rivera, L. M., Scaffer, A. R., & Pietromonaco, P. R. (2004). Intimacy as an interpersonal process: Current status and future directions. In Mashek, D. J., & Aron, A., *Handbook of closeness and intimacy* (pp. 61-78). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Lind, W. (2008). Casais Biculturais e Monoculturais: Diferenças e Recursos. Dissertação de Doutoramento em Psicologia. FPCE, Universidade de Lisboa.

Mahl, D. (2001) The Influence of Parental Divorce on the Romantic Relationship Beliefs of Young Adults, *Journal of Divorce & Remarriage*, 34 (3-4) (pp.89-118)

Maroco, J. (2003). Análise estatística - com utilização do SPSS. Lisboa: Edições Sílabo.

Martins, E., Rabinovich, E., & Silva, C. (2008) Família e o processo de diferenciação na perspectiva de Murray Bowen: um estudo de caso. Dissertação de Mestrado em Psicologia na USP, São Paulo. 19(2), (pp.181-197)

Masarik, A. S., Conger, R. D., Martin, M. J., Donnellan, M. B., Masyn, K. E., & Lorenz, F. O. (2013). Romantic relationships in early adulthood: Influences of family, personality, and relationship cognitions. *Personal Relationships*, 20 (2), (pp.356-373)

Melo, O. (2012) Conflitos interparentais e bem-estar psicológico em jovens de famílias intactas e divorciadas: desenvolvimento de relações amorosas e Psicopatologia. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica. Departamento de Psicologia da Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro.

Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2007). Attachment processes and couple functioning. In Mikulincer, M., & Shaver, P. R., *Attachment in Adulthood: Structure, Dynamics and Change* (pp. 285-323). New York: The Guilford Press.

Monteiro, R. (2010). As emoções de culpa e vergonha nas relações românticas: Influência das motivações para a relação e do estilo de vinculação. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde.

FPCE, Universidade de Lisboa.

Mota, C., & Matos, P. (2009). Apego, conflito e autoestima em adolescentes de famílias intactas e divorciadas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(3), (pp.344-352).

Moura, O. & Matos, P. M. (2008) Vinculação Aos Pais, Divórcio E Conflito Interparental Em Adolescentes. *Psicologia*, XXII (1) Edições Colibri, Lisboa (pp. 127-152)

Moura, O., Santos, R. A., & Matos, P.M. (2006) The Children's Perception of Interparental Conflict Scale: Análise Factorial Confirmatória com Adolescentes e Jovens Adultos. XI Conferência Internacional – *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*. Universidade do Minho.

Moura, O., Santos, R. A., Rocha, M., & Matos, P. M. (2010). Children's Perception of Interparental Conflict Scale (CPIC): factor structure and invariance across adolescents and emerging adults. *International Journal of Testing*, 10 (4), (pp.364- 382).

Nunnally, J. (1978). *Psychometric theory*. New York: McGraw-Hill.

O'Donnell, E., Moreau, M., Cademil, E., & Pollastei, A. (2010). Interparental conflict, parenting, and childhood depression in a diverse urban population: The role of general cognitive style. *Journal of Youth adolescence*, 39,(pp. 12-22).

Paixão, Rui A. P., & Oliveira, R. (1998). As relações possíveis: psicopatologia e deficiência física. *Caesura*, 12.

Orellana, R., Vallejo, F., & Vallejo, P. (2004). Separación o divórcio: Transtornos psicológicos en los padres y los hijos. *Revista Asociación Española Neuropsicología*, (92), (pp.91-110)

Patrick, H., Knee, C. R., Canevello, A., & Lonsbary, C. (2005). Self-determination and conflict in romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 89 (pp.997–1009)

Patrick, H., Knee, C. R., Canevello, A., & Lonsbary, C. (2007). The role of need fulfillment in relationship functioning and well-being: a self-determination theory perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 92 (pp. 434–457)

Pascuzzo, K., Cyr, C., & Moss, E. (2013). Longitudinal association between adolescent attachment, adult romantic attachment, and emotion regulation strategies. *Attachment & Human Development*, 15 (1) (pp.83-103)

Raposo, H., Figueiredo, B., Lamela, D., Nunes-Costa, R., Castro, M., & Prego, J. (2010) Ajustamento da criança à separação ou divórcio dos pais. *Rev Psiq Clín*, 38 (1) (2011) (pp. 29-33)

Reis, H. T. (2006). Implications of attachment theory for research on intimacy. In Mikulincer, M., & Goodman, G. S. (Eds.), *Dynamics of Romantic Love: attachment, caregiving, and sex* (pp. 383-403). New York: The Guilford Press.

Rodrigues, C. M. S. (2008). A Inovação em Rede e o Desempenho Empresarial: Ensaio de um Modelo de Equações Estruturais para a Indústria Portuguesa. Tese de Doutoramento em Engenharia de Produção e Sistemas Área de Métodos Numéricos e Estatísticos. Universidade do Minho, Escola de Engenharia.

Rodrigues, I. C (2013) Efeitos Da Regulação Das Necessidades Psicológicas Na Manutenção E Na Satisfação Em Relações Amorosas Estáveis. Dissertação de Mestrado, Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicoterapia Cognitiva-Comportamental e Integrativa apresentada à Universidade de Lisboa, Universidade de Lisboa.

Sá, J. E. (2009). Esboço Para Uma Nova Psicanálise. Edições Almedina. (pp. 55 – 215)

Sani, A. (2003). As Crenças, o Discurso e a Acção: as Construções de Crianças Expostas à Violência Interparental. Tese de doutoramento apresentada à Universidade do Minho, Braga.

Schwarz, B., Stutz, M. & Ledermann, T. (2012) Interparental conflict and early adolescents' aggression: Is irregular sleep a vulnerability factor? *Journal of Adolescence*, 35 (pp.97–105)

Segrin, C., Taylor, M. E., & Altman, J. (2005). Social cognitive mediators and relational outcomes associated with parental divorce. *Journal of Social and Personal Relationships*, 22 (3) (pp.361-377)

Sharma, S. (1996). Applied Multivariate Techniques. New York: Wiley & Sons.

Shaver, P. R., Hazan, C., & Bradshaw, D. (1988). Love as attachment: the integration of three behavioral systems. In R. J. Steinberg & M. L. Barnes (Eds.), *The psychology of love* (pp. 68-99). New Haven, CT: Yale University Press.

Shaver, P. R., & Mikulincer, M. (2006). Attachment theory, individual psychodynamics, and relationship functioning. In D. Perlman & A. Vangelisti (Eds.), *Handbook of personal relationships* (pp. 251-272). New

York: Cambridge University Press.

Shulman, S., Zlotnik, A., Shachar-Shapira, L., Connolly, J. & Bohr, Y. (2012) Adolescent Daughters' Romantic Competence: The Role of Divorce, Quality of Parenting, and Maternal Romantic History. *Journal of Youth and Adolescence*, 41, (pp.593–606)

Siffert, A., Schwarz, B. (2011) Parental Conflict Resolution Styles and Children's Adjustment: Children's Appraisals and Emotion Regulation as Mediators. *The Journal of Genetic Psychology*, 172 (1) (pp.21–39).

Simon, V. A & Furman W. (2010) Interparental Conflict and Adolescents' Romantic Relationship Conflict. *Journal Of Research On Adolescence*, 20 (1) (pp.188–209)

Snedecor, G. W. & Cochran, W. G. (1989). *Statistical Methods*. Iowa: Iowa State University Press.

Steinberg, S. & Davila, L. (2008). Romantic Functioning and Depressive Symptoms Among Early Adolescent Girls: The Moderating Role of Parental Emotional Availability. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 37 (2) (pp.350–362)

Sternberg, R. J. (1986) A triangular theory of love. *Psychological Review*, 93 (pp.119-135)

Streiner, D.L. (1994). Figuring out factors: The use and misuse of factor analysis. *Can J Psychiatry*, 39, 135-140.

Sturge-Apple, M. L., Davies, P.T., & Cummings, E. M. (2006) Impact of Hostility and Withdrawal in Interparental Conflict on Parental Emotional Unavailability and Children's Adjustment Difficulties. *Child Development*, 77(6) (pp.1623 – 1641)

Sturge-Apple, M. L., Skibo, M.A. & Davies, P.T. (2012). Impact of Parental Conflict and Emotional Abuse on Children and Families. *Partner Abuse* (3) 3 (pp.379-400)

Summers, P., Forehand, R., Armistead, L., & Tannenbaum, L. (1998). Parental divorce in caucasian families: The role of family process variables in predicting the longterm consequences for early adult psychosocial adjustment. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 6(2), (pp.327-336)

Sumner, C. (2013) *Adult Children of Divorce: Awareness and Intervention*.

Journal of Divorce & Remarriage, 54 (pp.271–281)

Toomey, E. T., & Nelson, E. S. (2001). Family conflict and young adults' attitudes toward intimacy. *Journal of Divorce & Remarriage*, 34 (3-4) (pp.49-69)

Turner, H. A., & Kopiec, K. (2006). Exposure to interparental conflict and psychological disorder among young adults. *Journal of Family Issues*, 27 (2), (pp.131-158)

Unger, D., Brown, M., Tressell, P., & MacLeod, L. (2000). Interparental conflict and adolescent depressed mood: The role of family functioning. *Child Psychiatry and Human Development*, 31(1) (pp. 23-11)

Walper, S., Kruse, J., Noack, P., & Schwarz, B. (2005). Parental separation and adolescents' felt insecurity with mothers: Effects of financial hardship, interparental conflict, and maternal parenting in east and west germany. *Marriage & Family Review*, 36 (3) (pp.115 – 145)

Anexos

Anexo I – Protocolo de Investigação

1 – Consentimento Informado

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de
Coimbra (FPCE-UC)
2013-2014

ID (não preencher)_____

Consentimento Informado

Eu, _____ abaixo
assinado(a)_____

_____, concordo em participar voluntariamente no estudo empírico que me foi referido, integrado na Tese de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde: Psicopatologia e Psicoterapias Dinâmicas, e que os dados recolhidos sejam analisados pela investigadora, Ana Fidalgo, envolvida no estudo sob a autoridade delegada pelo Professor responsável, Doutor Eduardo Sá.

Antes do início na avaliação, foram-me explicados os objectivos e o protocolo de investigação e assegurada a confidencialidade e o anonimato dos dados recolhidos. De igual forma, foi-me concedida a possibilidade de colocar questões e esclarecer todos os aspectos que me parecem pertinentes.

_____ de _____ de _____

O(A) Participante

A investigadora
(mestranda na FPCE-UC)

Docente Responsável
(Professor Doutor na FPCE-UC)

2 – Questionário Sociodemográfico

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra
(FPCE-UC)
2013-2014

Questionário Sociodemográfico

Data: ___/___/___

Dados Pessoais

Idade: _____

Género: Feminino Masculino

Local de residência (indique apenas a localidade):

Nacionalidade: _____

Situação Familiar

Estado civil dos Pais:

Casados

Divorciados

Separados

Juntos

Situação Relacional Amorosa

Orientação sexual:

Heterossexual

Homossexual

Bissexual

Atualmente, encontra-se numa relação:

De namoro

“Aberta”

De noivado

De Casamento

Há quanto tempo dura a sua relação actual?
(aproximadamente)

Quanto tempo pensa/deseja que a sua relação actual dure?
(aproximadamente)

Apenas algumas semanas

Apenas alguns meses

De 1 a 3 anos

De 3 a 5 anos

De 5 a 7 anos

De 7 a 9 anos

De 9 a 10 anos

Mais de 10 anos

20 anos

Mais de 20 anos

Esta é a relação em que pretendo ficar para o resto da minha vida

3 – Couples Motivation Questionnaire

Couple Motivation Questionnaire – Versão M

Porque é que estou actualmente envolvido na minha relação?

Assinale o grau em que cada uma das seguintes afirmações corresponde a uma das razões pelas quais está actualmente envolvido na sua relação. No caso de não estar actualmente envolvido numa relação, responda tendo em conta a sua relação mais recente. Se nunca esteve envolvido numa relação, pense nas razões que o levariam a envolver-se. Utilize a seguinte escala:

_____ 1 2 3 4 5 6 7
 Nada Moderadamente
 Exactamente

<p>· Não sei porquê. No fundo, não tenho realmente vontade de me esforçar para manter a minha relação de casal.</p>	
<p>· Porque tenho uma necessidade absoluta de estar com a minha parceira para me sentir importante.</p>	
<p>· Porque a minha relação com a minha parceira é uma forma privilegiada de me aperfeiçoar no plano pessoal.</p>	
<p>· Já não sei porquê. Penso, para grande desespero meu, que a nossa relação está condenada a falhar porque não vejo nenhuma possibilidade de a salvar.</p>	
<p>· Porque a minha vida de casal é um dos meios que valorizo de participar em novas actividades.</p>	
<p>· Porque adoro os numerosos momentos loucos e divertidos que vivencio com a minha parceira.</p>	
<p>· Porque me sentiria muito culpado se me separasse.</p>	
<p>· Não sei. Sinto-me resignado com o facto de que mais tarde ou mais cedo nos iremos separar.</p>	
<p>· Porque a minha relação com a minha parceira me permite ter uma vida sexual mais estável com uma pessoa que escolhi.</p>	
<p>0. Porque as pessoas que são importantes para mim (ex.: filhos, família, amigos) estão orgulhosas da nossa relação e não as quero</p>	

	desapontar.	
1.	Porque a minha parceira não conseguiria suportar uma separação.	
2.	Porque esta é a pessoa que escolhi para me ajudar a realizar projectos importantes.	
3.	Não há nada que me motive a manter a minha relação com a minha parceira.	
4.	Porque sinto um enorme prazer e liberdade na nossa vida sexual.	
5.	Porque a vida com a minha parceira me oferece ocasiões para aprender a exprimir melhor as minhas opiniões.	
6.	Porque me sinto livre para me envolver com a minha parceira para realizar projectos futuros que são importantes para mim.	
7.	Porque é um meio que me permite partilhar emoções e acontecimentos especiais com alguém.	
8.	Porque a minha relação é um compromisso que tenho que manter.	
9.	Porque as numerosas interacções profundas e continuadas com a minha parceira são muito satisfatórias para mim.	
0.	Porque estar envolvido numa relação com a minha parceira é uma ocasião privilegiada para desenvolver novas capacidades que desconhecia ter.	
1.	Porque os momentos que passo com a minha parceira são muito estimulantes e satisfatórios para mim.	

Blais, M. R., Sabourin, S., Boucher, C., & Vallerand, R. (1990), trad. e adaptado por Moreira, J. M., Mader, J. L., & Monteiro, R. L. (2010)

4 – Relationship Rating Form

R. R. F. – R.

(Relationship Rating Form de Davis, K. E., 1996, revista por Lind, W. , 2007)

Aqui em baixo encontra questões acerca da sua relação com o(a) seu(sua) cônjuge. Para responder às questões, escreva o número entre 1 e 9 que melhor reflecte os seus sentimentos acerca da sua relação com esta pessoa. Use a seguinte chave para o significado dos números:

- 1 = nada
- 2 = muito pouco
- 3 = ligeiramente ou raramente
- 4 = alguma coisa ou não muito frequentemente
- 5 = um bom bocado
- 6 = bastante
- 7 = muito
- 8 = fortemente ou quase sempre
- 9 = completamente ou extremamente

- ___ 1. Aceita esta pessoa tal como ela é?
- ___ 2. Está disposto a ignorar as pequenas falhas desta pessoa devido aos sentimentos que tem por ela?
- ___ 3. É fácil para si perdoar esta pessoa?
- ___ 4. Respeita esta pessoa?
- ___ 5. Esta pessoa revela o que há de melhor em si?
- ___ 6. Esta pessoa é um bom ouvinte das suas ideias e planos?
- ___ 7. Pode contar com esta pessoa em alturas de necessidade?
- ___ 8. Você e esta pessoa discutem abertamente assuntos pessoais?
- ___ 9. Você sabe que tipo de pessoa ele(a) é?
- ___ 10. Conhece as falhas e defeitos desta pessoa?
- ___ 11. Conhece o passado desta pessoa?
- ___ 12. Dá-lhe prazer, só de observar ou olhar para esta pessoa?
- ___ 13. Pensa nesta pessoa mesmo quando não está com ele(a)?
- ___ 14. Existem coisas que só faz com esta pessoa?
- ___ 15. Tem sentimentos por esta pessoa que não poderia ter por outras pessoas?
- ___ 16. É sexualmente íntimo desta pessoa?
- ___ 17. Acha esta pessoa sexualmente atraente?
- ___ 18. Gosta de ser tocado(a) por esta pessoa e de o(a) tocar?
- ___ 19. Pode contar com esta pessoa para lhe emprestar uma quantidade substancial de dinheiro?
- ___ 20. Pode contar com esta pessoa para arriscar a sua segurança pessoal para o(a) ajudar se você estiver em perigo?
- ___ 21. Pode contar com esta pessoa para fazer por si tudo o que o que

estiver ao seu alcance?

___ 22. Está preparado para fazer um sacrifício significativo por esta pessoa?

___ 23. Pode contar com esta pessoa para lhe dizer o que os outros acham de si?

___ 24. Pode contar com esta pessoa para o apoiar numa discussão ou disputa com outros?

___ 25. Pode contar com esta pessoa para defender os seus interesses se existir um conflito entre

os seus interesses e os de outros?

___ 26. Pode contar com esta pessoa para vir em seu auxílio quando precisa de ajuda?

___ 27. Esta pessoa pode contar consigo para o(a) ajudar quando precisar?

___ 28. Pode contar com esta pessoa para lhe dizer, o que ele(a) realmente pensa sobre certos

assuntos independentemente de poder concordar ou não consigo?

___ 29. Está contente na sua relação com esta pessoa?

___ 30. A sua relação com esta pessoa tem sido um sucesso?

___ 31. Dá-lhe prazer fazer coisas com esta pessoa mais do que com outras?

___ 32. Gosta de fazer coisas com esta pessoa, que de outra forma não gostaria?

___ 33. A companhia desta pessoa dá-lhe prazer?

___ 34. O seu parceiro partilha o mesmo sentimento por si que você sente por ele(a)?

___ 35. Esta pessoa importa-se realmente consigo como pessoa?

___ 36. Sente que o(a) seu parceiro(a) se importa consigo tanto quanto você se importa com ele(a)?

___ 37. O(A) seu/sua parceiro(a) fá-lo(a) sentir-se valorizado e especial?

___ 38. Você briga e discute com esta pessoa?

___ 39. Esta pessoa trata-o(a) de maneira injusta?

___ 40. Existe tensão na sua relação com esta pessoa?

___ 41. Está confuso(a) ou inseguro(a) dos sentimentos que tem para com esta pessoa?

___ 42. Sente que esta pessoa exige demasiado do seu tempo?

___ 43. Está empenhado em permanecer na relação?

___ 44. Esta pessoa está à altura dos seus ideais para um parceiro(a) para toda a vida?

___ 45. Alguma vez o(a) seu/sua parceiro(a) o(a) forçou a fazer alguma coisa que não quisesse fazer?

___ 46. Alguma vez forçou o(a) seu/sua parceiro(a) a fazer alguma coisa que ele(a) não quisesse fazer?

5 – Children’s Perception of Interparental Conflict Scale

Children's Perception of Interparental Conflict Scale (CPIC)

(Grych, Seid & Fincham, 1992; versão portuguesa de Moura, Santos & Matos, 2010)

Neste questionário é descrito um conjunto de situações que se referem às relações familiares especialmente às alturas em que os pais discutem. Se os seus pais estão separados, recorde o que sentiu nos tempos em que viviam juntos. Tendo em consideração as alternativas que se seguem, responda a cada afirmação assinalando a resposta que melhor exprime o modo como se sente ou se sentiu nessas situações.

- 1- Discordo totalmente
- 2- Discordo
- 3- Discordo moderadamente
- 4- Concordo moderadamente
- 5- Concordo
- 6- Concordo totalmente

1. Eu nunca vi os meus pais discutirem ou zangarem-se.

	1	2	3	4	5	6	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente

2. Quando os meus pais têm uma discussão geralmente tentam resolvê-la.

	1	2	3	4	5	6	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente

3. Os meus pais discutem frequentemente sobre as coisas que eu faço na escola.

	1	2	3	4	5	6	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente

4. Os meus pais ficam realmente zangados quando discutem.

	1	2	3	4	5	6	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente

5. Quando os meus pais discutem eu sinto que posso fazer algo para me sentir melhor.

	1	2	3	4	5	6	
--	---	---	---	---	---	---	--

<input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/>						
6. Eu fico assustado (a) quando os meus pais discutem.						
	1	2	3	4	5	6
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
						Concordo totalmente
7. Eu sinto que estou no centro das discussões dos meus pais.						
	1	2	3	4	5	6
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
						Concordo totalmente
8. Eu não me sinto culpado(a) pelo facto de os meus pais discutirem.						
	1	2	3	4	5	6
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
						Concordo totalmente
9. Provavelmente os meus pais não imaginam que eu sei que eles discutem muito.						
	1	2	3	4	5	6
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
						Concordo totalmente
10. Mesmo quando terminam uma discussão, os meus pais continuam zangados.						
	1	2	3	4	5	6
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
						Concordo totalmente
11. Os meus pais têm conflitos porque não são felizes juntos.						
	1	2	3	4	5	6
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
						Concordo totalmente
12. Quando têm desentendimentos, os meus pais discutem calmamente.						
	1	2	3	4	5	6
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
						Concordo totalmente
13. Eu não sei o que fazer quando os meus pais têm discussões.						
	1	2	3	4	5	6
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
						Concordo totalmente
14. Os meus pais insultam-se, mesmo na minha presença.						

	1	2	3	4	5	6	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente
15. Quando os meus pais discutem, eu preocupo-me com o que me possa acontecer							
	1	2	3	4	5	6	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente
16. Os meus pais geralmente discutem por minha causa.							
	1	2	3	4	5	6	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente
17. Eu vejo frequentemente os meus pais a discutir.							
	1	2	3	4	5	6	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente
18. Os meus pais geralmente chegam a um acordo quando discutem.							
	1	2	3	4	5	6	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente
19. As discussões dos meus pais são frequentemente por minha causa.							
	1	2	3	4	5	6	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente
20. As razões pelas quais os meus pais discutem são sempre as mesmas.							
	1	2	3	4	5	6	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente
21. Quando os meus pais têm uma discussão dizem coisas desagradáveis um ao outro.							
	1	2	3	4	5	6	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente
22. Quando os meus pais discutem eu sei que posso fazer algo para ajudar a melhorar a situação.							
	1	2	3	4	5	6	

Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente
23. Quando os meus pais discutem eu tenho medo que algo de mal aconteça.							
	1	2	3	4	5	6	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente
24. A minha mãe quer que eu esteja do seu lado quando ela e o meu pai discutem.							
	1	2	3	4	5	6	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente
25. Eu sinto-me culpado(a) por os meus pais discutirem, mesmo que eles não o digam.							
	1	2	3	4	5	6	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente
26. Os meus pais quase nunca discutem.							
	1	2	3	4	5	6	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente
27. Os meus pais discutem mas depois fazem as pazes.							
	1	2	3	4	5	6	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente
28. Os meus pais geralmente discutem por coisas que eu fiz.							
	1	2	3	4	5	6	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente
29. Os meus pais geralmente discutem porque realmente não gostam um do outro.							
	1	2	3	4	5	6	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente
30. Quando os meus pais têm uma discussão, gritam muito um com o outro.							
	1	2	3	4	5	6	

Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente
31. Quando os meus pais discutem não existe nada que eu possa fazer para os impedir.							
	1	2	3	4	5	6	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente
32. Quando os meus pais discutem fico preocupado(a) com a possibilidade de um deles ficar magoado.							
	1	2	3	4	5	6	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente
33. Eu sinto que tenho de tomar partido quando os meus pais discutem.							
	1	2	3	4	5	6	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente
34. Os meus pais fazem críticas e queixas um do outro.							
	1	2	3	4	5	6	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente
35. Os meus pais raramente falam alto quando estão a discutir.							
	1	2	3	4	5	6	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente
36. Os meus pais entram frequentemente em discussão quando eu faço algo de errado.							
	1	2	3	4	5	6	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente
37. Os meus pais atiram e partem objectos durante as discussões.							
	1	2	3	4	5	6	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente
38. Após os meus pais terminarem de discutir, geralmente são carinhosos um com o outro.							
	1	2	3	4	5	6	

Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente
39. Quando os meus pais discutem tenho receio que eles também possam gritar comigo.							
	1	2	3	4	5	6	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente
40. Os meus pais culpam-me pelas suas discussões.							
	1	2	3	4	5	6	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente
41. O meu pai quer que eu esteja do seu lado quando ele e a minha mãe discutem.							
	1	2	3	4	5	6	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente
42. Os meus pais agradem-se durante uma discussão.							
	1	2	3	4	5	6	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente
43. Quando os meus pais discutem não existe nada que eu possa fazer para me sentir melhor.							
	1	2	3	4	5	6	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente
44. Quando os meus pais discutem eu preocupo-me com a possibilidade de eles poderem divorciar-se,							
	1	2	3	4	5	6	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente
45. Os meus pais continuam zangados, mesmo depois de terminarem uma discussão.							
	1	2	3	4	5	6	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente
46. Os meus pais têm discussões porque não querem continuar juntos.							
	1	2	3	4	5	6	

Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente
------------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	------------------------

47. As discussões dos meus pais não são, geralmente, por minha causa.

	1	2	3	4	5	6	
--	---	---	---	---	---	---	--

Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente
------------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	------------------------

48. Quando os meus pais discutem não ouvem nada do que eu digo.

	1	2	3	4	5	6	
--	---	---	---	---	---	---	--

Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente
------------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	------------------------
